



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ISAAC RODRIGUES SANTOS

**CANTOS POPULARES DE SERGIPE:
A RECOLHA DE SILVIO ROMERO**

São Cristóvão
Setembro de 2017

ISAAC RODRIGUES SANTOS

**CANTOS POPULARES DE SERGIPE:
A RECOLHA DE SILVIO ROMERO**

Trabalho apresentado à disciplina
Prática de Pesquisa, sob orientação do
Prof. Dr. Francisco José Alves, no
segundo semestre de 2017.

São Cristóvão
Setembro de 2017

Resumo

Esta monografia consiste na edição de cento e vinte e dois cantos populares coletados em Sergipe. Esse material foi originalmente coletado e publicado por Silvio Romero na obra *Cantos populares do Brasil*, de 1897. A coleção comporta cantigas, chulas, romances, autos, xácaras, quadras, lundus e parlendas. O trabalho está dividido em duas partes básicas: introdução e reprodução paleográfica das peças. A introdução caracteriza o material quanto a sua natureza, o compilador, os temas possíveis de serem estudados e os aspectos notáveis. O miolo do trabalho reproduz as cento e vinte e duas peças conservando as características da edição que serviu de base.

Palavras-chaves: Silvio Romero (1851–1914); Folclore; Cantos populares (Sergipe).

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus que permitiu que este momento fosse vivido por mim, trazendo alegria aos meus pais e a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr.º Francisco José Alves, pela paciência, dedicação e ensinamentos que possibilitaram que eu realizasse este trabalho.

Agradeço de forma especial à minha avó paterna, Elisa Maria Andrade Santos, e à minha tia paterna, Josiane Andrade Santos, por não medirem esforços para que eu pudesse levar adiante meus estudos.

Ao meu pai, Carlos José Andrade Santos, e a minha mãe, Noélia Rodrigues Cruz, pelo amor, carinho, paciência e ensinamentos.

Às amigas Sueli Bispo da Silva, Líbia Napoleão Arcoverde, Sandra Mieko Kudeken e Ana Mércia Dantas, companheiras de profissão e irmãs na amizade que fizeram parte da minha formação e que, com certeza, irão continuar presentes em minha vida.

Às minhas amigas Sayara Mirelle, Eliana Souza e Vanúzia Costa, por confiarem em mim e permanecerem ao meu lado em vários momentos de minha vida cotidiana e acadêmica.

À meu grande amigo e companheiro Eduardo Alves Lima, pela compreensão, paciência e companheirismo que nesses meses de pesquisa e elaboração do trabalho foram de grande importância.

À Universidade Federal de Sergipe (UFS), ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), ao Colégio Americano Batista e ao Colégio Prisma, por serem as instituições que auxiliaram a minha formação profissional.

Agradeço a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação!

Muito obrigado!

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 9 |
| Notas à Introdução..... | 16 |
| Os cantos | 17 |
| Romances e xácaras..... | 18 |
| 1.D. Duarte e D. Donzilha | 18 |
| 2.O Conde Alberto..... | 20 |
| 3.D. Carlos de Montealbar..... | 22 |
| 4.D. Branca | 25 |
| 5.O casamento mallogrado | 27 |
| 6.A Nau Catherineta | 28 |
| 7.A Pastorinha | 30 |
| 8.Florioso..... | 32 |
| 9.O cégo..... | 35 |
| 10.A flor de Alexandria | 38 |
| 11.A Lima..... | 39 |
| 12.O Genipapo..... | 40 |
| 13.Senhor Pereira de Moraes | 41 |
| 14.A Mutuca | 42 |
| 15.Redondo, sinhá | 43 |
| 16.A Ribeira Velha | 45 |
| 17.O Jaburú..... | 46 |
| 18.A Mulatinha..... | 47 |
| 19.Os cócós de cordão | 49 |
| 20.A Moqueca | 51 |
| 21.O ladrão do Padresinho | 53 |
| 22.Quero bem á mulatinha..... | 55 |
| 23.O Boi-Espacio | 56 |
| 24.O Lucas da Feira..... | 60 |
| 25.O Calangro..... | 62 |
| 26.O Sapo do Cariri | 64 |
| 27.Meu bemzinho, diga, diga. | 71 |
| 28.Sapo Cururú..... | 73 |
| Bailes, cheganças e reisados..... | 74 |

| | |
|--|------------|
| 29.Baile da Lavadeira | 74 |
| 30.Chegança dos Marujos | 85 |
| 31.Chegança dos Mouros | 88 |
| 32.Reisado da Borboleta, do Maracujá e do pica-páo | 92 |
| 33.Reisado do José do Valle..... | 96 |
| 34.Reisado do Antonio Geraldo | 98 |
| 35.Versos das Tayêras | 100 |
| Versos Gerais | 101 |
| 36.Jurejure | 101 |
| 37.A flor da murta | 102 |
| 38.Sol posto | 103 |
| 39.Veja com quem quer ficar | 104 |
| 40.Vae-te, carta absoluta | 105 |
| 41.Meu cravo, meu diamante | 106 |
| 42.Lá no céu tem uma estrela | 107 |
| 43.Raios do sol | 108 |
| 44.A' tarde..... | 109 |
| 45.O cravo | 110 |
| 46.A flôr de lima..... | 111 |
| 47.O cravo branco..... | 112 |
| 48.O Cravo e a Rosa | 113 |
| 49.A folhinha da pimenta | 114 |
| 50.A arruda | 115 |
| 51.Sobrancelhas arqueadas | 116 |
| 52.A Garça..... | 117 |
| 53.A laranja de madura..... | 118 |
| 54.Eu vos mando um coração..... | 119 |
| 55.Tenho cinco chapéus finos | 121 |
| 56.Você diz que amor não doe?..... | 122 |
| 57. Quero bem, porém não digo | 123 |
| 58.Fui soldado, assentei praça | 124 |
| 59.Duas penas | 125 |
| 60.Lá vem a lua sahindo | 126 |

| | |
|--|-----|
| 61.Cajueiro pequenino..... | 127 |
| 62.A Polka | 128 |
| 63. Você me fez esperar | 129 |
| 64. Tenho meu caju maduro | 130 |
| 65. A Pulga | 131 |
| 66. Cupido | 132 |
| 67. Prima Pulga | 133 |
| 68.A Barata..... | 134 |
| 69. Paixão de amor, já te tive..... | 135 |
| 70. Meu coração sabe tudo | 136 |
| 71.No correr perdi meu lenço | 137 |
| 72. As arvores por serem arvores | 138 |
| 73. Saudades que de ti tenho | 139 |
| 74. Meu bemzinho, lá vos mando..... | 140 |
| 75. Quando n'esta casa entrei | 141 |
| 76. Plantei manjerição na baixa..... | 142 |
| 77.Ha dias que não te vejo..... | 143 |
| 78.Soube que tinha chegado | 144 |
| 79.Cravo roxo desiderio | 145 |
| 80.Cravo branco é procurado..... | 146 |
| 81.A lua de caminhar..... | 147 |
| 82.Eu não quero mais amar | 148 |
| 83.Abalei o pé da roseira | 149 |
| 84.Gemo, suspiro e dou ais..... | 150 |
| 85.Você diz que eu sou sua | 151 |
| 86.A moqueca..... | 152 |
| 87.Se fores pra certa terra..... | 153 |
| 88.La em riba d'estes ares | 154 |
| 89.La vos mando um cravo branco..... | 155 |
| 90.A cachaça..... | 156 |
| 91.Estrellas do céu brilhante..... | 157 |
| 92.A coruja | 158 |
| 93.Não há papel n'esta villa | 159 |

| | |
|---|------------|
| 94. Quem me vê estar cantando..... | 160 |
| 95. Menina, você não sabe..... | 161 |
| 96. O passarinho | 162 |
| 97. Quem quer bem dorme na rua | 164 |
| 98. Menina, quando te fôres | 165 |
| 99. Esta noite eu dei um ai..... | 166 |
| 100. Despedida | 167 |
| 101. Não se encoste no craveiro | 168 |
| 102. Atirei um limão verde..... | 169 |
| 103. Com pena peguei na penna..... | 170 |
| 104. Quem vai e não se despede..... | 171 |
| 105. Adeus à pastora..... | 172 |
| 106. Não tenho inveja de nada | 173 |
| 107. Dei um nó na fita verde | 174 |
| 108. A lagoa já seccou..... | 175 |
| 109. Quem quer bem não tem vergonha..... | 176 |
| 110. Bonina sobre-dourada..... | 177 |
| 111. Rosa parda lisonjeira | 178 |
| 112. Mulher, cabeça de vento..... | 179 |
| 113. Embarquei na Inglaterra | 180 |
| 114. Passeia, meu bem, passeia | 181 |
| 115. Meu anel de pedras finas | 182 |
| 116. Eu plantei cana de sóca..... | 183 |
| 117. O moleque do surrão | 184 |
| Orações e parlendas | 185 |
| 118. Jogo do tantanguê e do pintainho | 185 |
| 119. Jogos dos dedos | 186 |
| 120. Jogo de Varisto | 187 |
| 121. Outra | 188 |
| 122. O Tango-lo-mango | 189 |

Introdução

Este trabalho consiste numa recolha de cento e vinte e dois cantos populares coletados por Silvio Romero em Sergipe. A natureza desse material é diversa. Há cantigas, chulas, romances, autos, xácaras, quadras, lundus e parlendas. Caracterizemos brevemente estas formas.

Cantigas¹, também conhecidas como cirandas, são brincadeiras que consistem na formação de uma roda, com a participação de crianças, que cantam músicas de caráter folclórico, seguindo coreografias.

Chula² é uma dança e gênero musical do Recôncavo Baiano. É bastante apreciada e envolve os observadores com seus passos curtos e movimentos cíclicos. É uma vertente do samba de roda.

Romance³, no contexto do folclore, é uma composição poética popular, histórica ou lírica, transmitida pela tradição oral, sendo geralmente de autor anônimo; corresponde aproximadamente à balada medieval.

Auto⁴ é uma composição teatral do subgênero da literatura dramática. Surgiu na Espanha medieval por volta do século XII. De linguagem simples e extensão curta, o auto, geralmente, possui elementos cômicos ou intenção moralizadora. Suas personagens simbolizam as virtudes e os pecados ou representam anjos, demônios e santos.

Xácara⁵ é uma espécie de romance popular em verso no qual os protagonistas são rufiões. Pode ser uma narrativa de versos sentimentais, cantada ao som da viola. Este gênero é muito difundido na península Ibérica.

Fandango⁶ é uma forma musical caracterizado pela sua dança, com movimentos frenéticos, animados e exibicionistas, marcado principalmente pelo sapateado. A dança do fandango é acompanhada predominantemente por violas e outros instrumentos de corda. O ritmo da melodia, no entanto, pode ser dramático ou agitado. O fandango do Nordeste homenageia aos marujos durante os dias que antecedem o Natal. Por este motivo, este gênero também é conhecido por marujada. Já o fandango do Sul é bastante popular na cultura do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e sul de São Paulo como um baile tradicional sulista.

Quadra ou quadrinha⁷ é uma trova simples criadas pelo povo. Compostas por quatro versos – daí vem o nome – e se caracterizam por possuir rimas muitas vezes imperfeitas e escrita incorreta. Muitas quadrinhas se caracterizam também pelo humor

de cunho popular. São usadas para expressar desejos, admirações, sentimentos amorosos, reclamações, atitudes maliciosas ou de juízo. As quadrinhas populares são muito usadas em desafios, jogos de adivinhações e provérbios.

Lundu⁸, também grafado landum, lundum e londu, é uma dança e canto de origem africana introduzido no Brasil, provavelmente por escravos de Angola. Originado no batuque africano, o lundu, em fins do século XVIII, não era ainda uma dança brasileira, mas uma dança africana do Brasil. Ele começou a ser mencionado em documentos históricos a partir de 1780. Musicólogos afirmam que o samba tem sua origem no lundu, por via do maxixe, mas há controvérsias quanto a esse ponto.

Parlenda⁹ é um versinho com temática infantil que são recitados em brincadeiras de crianças. São usadas por adultos também para embalar, entreter e distrair as crianças. Possuem uma rima fácil e, por isso, são populares entre as crianças.

As peças aqui reunidas foram retiradas da segunda edição da obra *Cantos Populares do Brasil*¹⁰, publicada em 1897 pela editora Livraria Clássica Alves & CIA, do Rio de Janeiro. O compilador desta coleção é Silvio Romero¹¹ (Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero). Ele foi um crítico, ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador da literatura brasileira. Nasceu em Lagarto–SE, em 21 de abril de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro–RJ, em 18 de julho de 1914.

Silvio Romero era filho do comerciante português André Ramos Romero e de Maria Joaquina Vasconcelos da Silveira. Em sua cidade natal iniciou os estudos primários, cursando a escola mista do professor Badu. Em 1863, partiu para a corte, a fim de fazer os preparatórios no Ateneu Fluminense.

Em 1868, regressou ao Norte e matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, terminando seu bacharelado em Direito em 1873. Após sua formatura, em 1874, elegeu-se deputado à Assembleia Provincial de Sergipe, mas renunciou, logo depois, à cadeira. Regressou ao Recife para tentar fazer-se professor de Filosofia no Colégio das Artes.

Em fins de 1875, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi para Paraty, como juiz municipal e ali demorou-se dois anos e meio. Em 1878, publicou *Cantos do fim do século*, mal recebido pela crítica da Corte. Em 1880, prestou concurso para a cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II, conseguindo-a com a tese *Interpretação filosófica dos fatos históricos*. Depois de publicar *Últimos harpejos*, em 1883, abandona as tentativas poéticas. Já fixado no Rio de Janeiro, começou a colaborar no jornal *O Repórter*, de Lopes Trovão. Ali publicou a sua famosa série de perfis políticos. Jubilou-se como professor do Internato D. Pedro II em 02 de junho de 1910.

No governo de Campos Sales (1898 - 1902), volta a eleger-se deputado provincial e depois federal pelo Estado de Sergipe. Nesse último mandato, foi relator da Comissão dos 21 do Código Civil e defendeu, então, muitas de suas ideias filosóficas.

Silvio Romero foi, ainda, membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e de diversas outras associações literárias e científicas. Ele publicou obras de História, Filosofia, Literatura, Poesia, Política, Sociologia e Cultura Popular, que estão elencadas a seguir.

1. Obras filosóficas, políticas e sociológicas¹²

A filosofia no Brasil: ensaio crítico, 1878; **Interpretação filosófica na evolução dos fatos históricos**, 1880. (Tese de concurso à cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II); **Ensaio de crítica parlamentar**, 1883; **Ensaio de philosophia do direito**, 1885; **A filosofia e o ensino secundário**, 1885; **As formas principaes da organização republicana**, 1888; **Parlamentarismo e presidencialismo na república brasileira**; cartas ao conselheiro Rui Barbosa, 1893; **Doutrina contra doutrina; o evolucionismo e o positivismo no Brasil**, 1894; **Ensaio de philosophia do direito**, 1895. **Discursos**, 1904; **O alemanismo no sul do Brasil; seus perigos e meios de os conjurar**, 1906; **O Brasil social; vistas sintéticas obtidas pelos processos de La play**, 1907; **Ensaio de philosophia do direito**, 1908; **Geografia da politicagem**, 1909. **Bancarrota do regime federativo na república brasileira**, 1910; **Provocações e debates; contribuição para o estudo do Brasil social**, 1910; **O castilhismo no Rio Grande do Sul**, 1910; **O Brasil na primeira década do século XX**, 1912; **O remédio**, 1914; **A união do Paraná e Santa Catarina: o Estado de Iguassú**, 1916; **Obra filosófica. Introdução e seleção Luís Washington Vita**, 1969; **Realidade e ilusões no Brasil; parlamentarismo e presidencialismo e outros ensaios**, 1979.

2. Obras literárias¹³

A poesia contemporânea, 1869; **A literatura brasileira e a crítica moderna; ensaio de generalização**, 1880; **Introdução à história da litteratura brasileira**, 1882. **O naturalismo em literatura**, 1882; **Valentim Magalhães; estudos críticos**, 1885. **Estudos de literatura contemporânea**, 1885; **História da literatura brasileira**, 1888; **Excerpto da “História da Litteratura Brasileira” Relativo à imigração e ao futuro da raça portugueza no Brazil**, 1891; **Luiz Murat; estudo**, 1891. **Machado de Assis; estudo comparativo da literatura brasileira**, 1897; **Novos estudos da literatura contemporânea**, 1898; **Martins Penna; ensaio crítico com um estudo de**

Arthur Orlando sobre o autor de História da Literatura Brasileira, 1900. A literatura brasileira, 1900; Ensaios de sociologia e literatura, 1901. O Duque de Caxias e a integridade do Brasil, 1903; Parnaso sergipano, 1904; Passe recibo, 1904; Evolução da literatura brasileira, 1905; Evolução do lirismo brasileiro, 1905; Outros estudos de literatura contemporânea, 1905; Compêndio da história da literatura Brasileira, 1906; Compêndio da história da literatura Brasileira, 1909; Quadro sintético da evolução dos gêneros na literatura brasileira, 1909; Da crítica e sua exata definição, 1909; Zéverissimações ineptas da crítica; repulsas e desabafos, 1909; Minhas contradições, 1914; Machado de Assis; estudo comparativo da literatura brasileira, 1936. Teoria, crítica e história literária, 1978.

3. Coletâneas e obras sobre cultura popular¹⁴

Etnologia selvagem; estudo sobre a memória “Região e raças selvagens do Brasil”, 1875; Cantos populares do Brasil, 1883; Lucros e perdas; crônica mensal dos acontecimentos, 1883; Contos Populares do Brasil, 1885; Uma esperteza: os cantos e contos populares do Brasil e o Sr. Theophilo Braga, 1887; Etnografia brasileira; estudos críticos sobre Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues; Theophilo Braga e Ladislao Netto, 1888; Estudos sobre a poesia popular do Brasil, 1888.

4. Obras poéticas¹⁵

Cantos do fim do século: poesia, 1878; Últimos harpejos: poesias, 1883.

5. Obras históricas¹⁶

A história do Brasil ensinada pela biografia dos seus heróis, 1890; O antigo direito em Espanha e Portugal, 1894; O elemento português no Brasil, 1902; A América Latina, 1906; A pátria portuguesa; o território e a raça, 1906; Trechos escolhidos, 1975.

O material aqui reunido possibilita a pesquisa de alguns temas, tais como: a alimentação, o imaginário amoroso e erótico, as festas populares, as brincadeiras infantis, a visão popular sobre as “raças”, as algumas formas de tratamento vigente no século XIX, as algumas profissões comuns à época e as grandes navegações.

Nas peças conglomeradas, alguns aspectos são destacáveis. São eles: a) o predomínio da influência africana nas formas de tratamento; b) a visão romântica do amor; c) o predomínio, nas camadas populares, de profissões ligadas ao campo e ao mar; d) o erotismo; e) as decepções amorosas.

a) O predomínio da influência africana sobre o tratamento popular é notável em algumas das peças aqui reunidas. Ela se faz presente em alguns exemplos. É o caso do canto **A Moqueca** em que sua letra diz: *Da minha yayá;/ Moqueca de coco,/ Molho de fubá;/ Tudo bem feitinho/ Por mão de yayá.* É também o caso da quadrinha **Redondo, sinhá**: *Oh! sinhá, minha sinhá,/ Oh! sinhá de meu abrigo./ Estou cantando o meu redondo,/ Ninguém se importe commigo.*

Sabe-se que yayá¹⁷ e sinhá¹⁸ eram formas usadas pelos africanos para designar suas senhoras.

b) Nas músicas reunidas aqui, nota-se, também, o predomínio de uma visão piegas sobre o amor, ou seja, o amor como algo excessivamente ligado à emoção. Constata-se isso em algumas peças. Em **A flor de Alexandria** o compositor anônimo diz: *“Meu coração já te dei,/ A outro não posso dar”.* Do mesmo modo, em **A flor da murta**, o eu-lírico afirma: *“Eu fui a fulô da murta,/ D'aquella que cae no chão;/ Quanto mais carinhos faço,/ Mais desenganos me dão.”* O mesmo tom se observa na peça *“Vae-te, carta absoluta”*: *“Vae-te, carta amorosa,/ Aos pés d'aquella jasmim;/ Ajoelha, pede licença,/ Dá-lhe um abraço por mim”.* A mesma ideologia é perceptível em **Meu cravo, meu diamante**: *“Meu cravo, meu diamante./ Meu relógio, meu cordão,/ Tu foste a primeira chave/ Que abriu meu coração”.* Em *“Lá no céu tem uma estrela”* constata-se o mesmo teor: *“Quando passares por mim/ Fazei o semblante triste,/ Nega, feliz da minh'alma,/ Nega que nunca me viste”.*

c) As peças sergipanas reunidas por Silvio Romero também registram o predomínio das profissões agrárias e marítimas nas classes populares. Isto é notado em peças como: **A pastorinha**, **Baile da lavadeira**, **Chegança dos Marujos** e **A Nau Catharineta**.

Em **A pastorinha**, é notório o predomínio do trabalho campesino. O personagem masculino indaga: *«— Tão gentil menina/ Pastorando gado?!/* Ao que a personagem feminina responde: *« Já nasci, senhor,/ Para este fado.* Noutros casos, aparecem ocupações como a de lavadeira. É o caso de **Baile da lavadeira**, no qual estas cantam: *Antes que o sol saia,/ Hei de madrugar/ Nas margens do rio,/ Onde vou lavar.* Já em **Chegança dos Marujos**, as profissões marítimas se evidenciam no diálogo entre o piloto e o gageiro: *Piloto: Sem mais demora./ Meu gageiro preso já,/ Para elle me dar couta/ Da agulha de marear./ Gageiro: Senhor Piloto,/ Se promette me soltar,/ Já eu lhe darei conta/ Da agulha de marear.* Observa-se isto também em **A Nau Catharineta** quando o capitão-general ordena o gageiro: *« Sobe, sobe, meu gageiro,/ Meu gageirinho*

real,/ Vê se vês terras de Hespanha,/ Areias de Portugal. “Gageiro”¹⁹ é o marinheiro que vigia o mastro, as embarcações ou a terra.

d) Os textos folclóricos coletados por Silvio Romero, também documentam o erotismo. Observa-se este aspecto em peças como **D. Carlos de Montealbar**, **A Pastorinha**, **Senhor Pereira de Moraes** e **Quero bem á mulatinha**.

Em **D. Carlos de Montealbar**, o erotismo é bastante evidente. O denunciante dos amantes relata ao rei: *“Eu topei a Claraninha / Com Dom Carlos a brincar/ Nua da cintura pra riba/ Nua da cintura pra baixo/ Muitos beijos eu vi dar.* Vê-se claramente que o caçador topou com Clara e D. Carlos fazendo sexo. Este aspecto também se nota em **A Pastorinha**. Nela o personagem masculino convida: *“— Vamos cá, menina,/ P’ra aquelle deserto, / Qu’eu pouco me importa/ Que o gado se perca”*. Enquanto a pastorinha convidada responde: *“[...] Olhe, meu senhor./ Cá volte, correndo,/ Que o amor é fogo,/ Que me vai vencendo”*. Neste canto temos o implícito convite para uma relação sexual. Noutros casos é a mulher que toma a iniciativa para o ato. É que o se observa em **Senhor Pereira de Moraes**. Nesta música, as mulatinhas convidam o senhor: *“« Venda a roupa e fique nu... »”*. Ao que Senhor Moraes responde: *“Ora, meu Deus,/ Qu’estas mulatinhas/ São peccados meus...”*. Às vezes o erotismo aparece de maneira metafórica ou velada. É o caso de **Quero bem á mulatinha....** O emissor diz: *“Pelo feixe da espingarda,/ Pelo cano que ella tem,/ Pelo fio de minha espada/ Que não engeito a ninguém./ Se puxar por minha espada/ Na beirinha da lagoa,/ Se acaso fico perdido,/ Seja por cousinha boa”*. Neste texto, provavelmente “espingarda” e “espada” simbolizam o pênis.

e) Outro aspecto relevante nos versos folclóricos da obra em questão são as decepções amorosas. Averigua-se esta predominância em algumas peças. Em **Você diz que o amor não doe?**, o personagem relata: *“Quando eu de ti me aparte,/ Logo no primeiro dia/ Meu peito cobri de lucto,/ Não tive mais alegria”*. Já em **Paixão de amor, já tive**, a moça lamenta: *“Paixão de amor, já te tive,/ Já fiz o que hoje não faço;/ Já por ti eu dei a vida,/ E hoje não dou um passo”*. No verso de **As arvores por serem arvores**, o sujeito reclama: *“As arvores, por serem arvores,/ Sentem golpes que lhes dão; / Como não queres qu’eu sinta/ Esta tua ingratidão?”*. Tal fator também é notório em **Eu não quero mais amar**. Nele, o protagonista magoado relata: *“Meu Deus, quem me dá noticias/ D’um amor que foi meu bem?/ Como elle me foi falso,/ Eu vendo por um vintém”*. “Vintém”²⁰ ou vinte réis é uma antiga moeda portuguesa feita de cobre e

bronze. No Brasil esta moeda era de prata e fabricada nas casas da moeda da Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

O trabalho aqui realizado se enquadra nas chamadas edições diplomática²¹. Conforme o professor Cambraia, este tipo de edição se caracteriza pela transcrição rigorosa e conservadora de todos os elementos que compõe o texto, tais como: “sinais abreviativos, sinais de pontuação, paragrafação, translineação, separação vocabular, etc.”²².

Na edição do material aqui reunido, adotamos dois procedimentos. Primeiro: extração das peças relativas à Sergipe presentes na obra que nos serviu de base. Segundo: transcrição paleográfica das peças, conservando-se a grafia, a pontuação, a acentuação e a estrofação dos originais.

Notas à Introdução

¹Cantigas de roda – Cirandas. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/cantigas_de_roda.htm. Acesso em: 20 de julho de 2017.

² Chula (Bahia). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Chula_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chula_(Bahia)). Acesso em: 20 de julho de 2017.

³ Romance. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Romance>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

⁴ Auto. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Auto>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

⁵ OLIVEIRA, Evaí. Chácara ou Xácara? Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/gramatica/4989035>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

⁶ Significado de fandango. Disponível em: <https://www.significados.com.br/fandango/>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

⁷ Quadrinhas populares. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/quadrinhas_populares.htm. Acesso em: 20 de julho de 2017.

⁸ Lundu. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lundu>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

⁹ Parlenda. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/parlendas.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

¹⁰ ROMERO, Silvio. Folclore brasileiro: cantos populares do Brasil. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518774>. Acesso em: 16 de julho de 2017.

¹¹ Biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>. Acesso em: 20 de julho de 2017.

¹² Silvio Romero: obras. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Romero#Obras. Acesso em: 28 de julho de 2017.

¹³ Silvio Romero: obras. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Romero#Obras. Acesso em: 28 de julho de 2017.

¹⁴ Silvio Romero: obras. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Romero#Obras. Acesso em: 28 de julho de 2017.

¹⁵ Silvio Romero: obras. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Romero#Obras. Acesso em: 28 de julho de 2017.

¹⁶ Silvio Romero: obras. Disponível: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADlvio_Romero#Obras. Acesso em: 28 de julho de 2017.

¹⁷ A origem e o significado de iaia. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-e-o-significado-de-iaia/20689>. Acesso: 07 de julho de 2017.

¹⁸ Significado de sinhá. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sinha/>. Acesso em: 07 de julho de 2017.

¹⁹ Gageiro. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/gageiro/>. Acesso em 07 de julho de 2017.

²⁰ Vintém. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vintem/>. Acesso em: 07 de julho.

²¹ CAMBRAIA, César Nardelli. Tipos de edição. Introdução à Crítica Textual. São Paulo: Martim Fontes, 2005.

²² CAMBRAIA, César Nardelli. Tipos de edição. Introdução à Crítica Textual. São Paulo: Martim Fontes, 2005.

Os cantos

Romances e xácaras

1.D. Duarte e D. Donzilha

« Eu não procuro igreja,
Nem rosário pr'a rezar;
Só procuro o lugar
Onde Dom Duarte está.
« Deus vos salve, rainha,
Rainha em seu lugar. »
— Deus vos salve, princeza,
Princeza de Portugal. »

— O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar ?
E' o amor de Dom Duarte
Que inda espero lograr.
— Dom Duarte não está em casa,
Anda n'alçada real.
« Mandai levantar bandeira
Para dar um bom signal.

Palavras não eram ditas
Dom Duarte na porta estava:
— O que me quereis, princeza,
Que novas quereis me dar ?
« E' o amor de Dom Duarte
Qu'inda espero lograr.
— No tempo que eu vos queria,
Me juravam a matar;
Mas hoje que sou casado
Tenho filhos a criar.

— Dai-me licença, senhora,
— Dai-me licença real
P'ra dar um beijo em Donzilha
Qu'ella finada já está.
« Dai-lhe quatro, dai-lhe cinco,

Dai-lhe quantos vós poder;
Não tendes mais que beijar

A quem já finada está.

A cova de Donzilha
Foi na porta principal;

A cova de Dom Duarte
Foi lá no pé do altar.
Na cova de Donzilha
Foi um pé de sucupira (1) ;
Na cova de Dom Duarte
Nasceu um pé de collar.
Foram crescendo, crescendo,
Cresciam ambos igual
Lá em riba das galhinhass
Lá se foram abraçar.
A viuva que viu isto,
Logo mandou decotar
Si haviam brotar leite,
Brotaram sangue real.

2.O Conde Alberto

Soluçava Dona Sylvana
Por um corredor que tinha,
Que seu pai não a casava,
Nem esta conta fazia.
— Eu não vejo n'este reino
Com quem case filha minha;
Só si fôr com Conde Alberto (1).
Este tem mulher e filhos.
« Com este mesmo é que eu quero,
Com este mesmo eu queria:
Mandai vós, ó pai, chamal-o
Para vossa mesa um dia.
— Corre, corre, cavaleiro
Dos mais ligeiros que tenho,
Vai dizer ao Conde Alberto
Que venha jantar commigo.»
—« Inda hontem vim da corte
Que Dom Rei me fez chamar;

Não sei será p'ra bem,
Ou si será p'ra meu mal.

— P'ra matares a Condessa,
E casar com minha filha.»
— « Como isto pode ser,
Como isto nunca seria?
Descasar um bem casado
Cousa que Deus não faria ?
— Instantes te dou de hora
Que reze uma Ave-Maria,
Que me mandes a cabeça
N'esta formosa bacia.

— Contaes, marido, tristezas,
Como quem conta alegria!»
— « Não sei que vá vos contar
Que já é em demasia ».
A mesa já estava posta,
Nem um, nem outro comia;

As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corria (1).

3.D. Carlos de Montevalbar

«Deus vos salve, senhor Dom Carlos;
O senhor que fazia lá?
— Me arrumando, senhora,
Para contigo brincar.

Quando estavam a brincar,
Um cavalleiro vêm passar;
Dom Carlos como ardiloso
Logo quiz o degolar.

— «Não me mate o cavalleiro,
Qu'ê do reino de meu pai.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Qu'eu te darei ouro e prata
Quanto possas carregar.

— «Eu não quero ouro e prata
Que a senhora não m'os dá;
Brinquedos que vi aqui
A meu rei irei contar.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar,
Qu'eu te darei minha sobrinha
Para contigo casar.

— «Não quero sua sobrinha
Que a senhora não m'a dá;
Folguedos que vi aqui
A meu rei irei contar.
«Cavalleiro, o que aqui viste
A meu pai não vai contar.
Te darei o meu palácio
Com todo o meu cabedal,

— «Não quero o seu cabedal.
Que a senhora não m'o dá,
Que isto que eu vou contar
Muito mais me ganhará.

— «Novas vos trago, senhor,

Novas eu vos quero dar;
 Eu topei a Claraninha
 Com Dom Carlos a brincar;
 Da cintura pra *riba* (1)
 Muitos beijos eu vi dar;
 Da cintura para baixo

Não vos posso mais contar.
 — Si me contasses occulto,
 Meu reino te haverá (1) dar,
 Como contaste de publico,
 Mandarei -te degolar,
 Vão-me buscar a Dom Carlos,
 Depressa, não devagar;
 Carregado bem de ferros
 Que não possa me fallar.

— Yão buscar meu tio bispo,
 Qu'eu me quero confessar
 Antes que chegue a bora
 Que me venham degolar.

— «Deus vos salve, meu sobrinho,
 Qu'em sua prisão está;
 Por amor de Claraninha
 Lá te vão a te matar;
 Toda a vida eu te disse
 Que tu deixasses de amar;
 Claraninha era impedida,
 Poderiam te matar.

— Sáia-se d'aqui, meu tio.
 Não me venha a enfadar;
 Mais vai eu morrer por ella
 Do que deixal-a do amar.
 Chiquitinho, Chiquitinho,
 Que sempre me foi leal,
 Vai dizer á Claraninha
 Que já me vão me matar;
 Si meus olhos vir os d'ella
 Minha alma se salvará.

— «Deus vos salve, Claraninha,
 Que no sou estrado está;

Dom Carlos manda dizer
 Que já vai se degolar,
 «Criadas, minhas criadas.
 Si quereis me acompanhar,
 Eu já me vou com o cabelo
 Faltando por entrançar.
 Justiça, minha justiça,
 Minha justiça real,
 Por aquelle que está alli
 Minha vida eu irei dar.
 Deus vos salve, senhor Dom Carlos,
 Não se dê a desmaiar;
 Si a minha alma se perder,
 A sua se salvará,

— Conselheiros, conselheiros,
 Que conselhos quereis dar:
 Qu'eu mate senhor Dom Carlos,
 Ou que os mandarei casar?

— O conselho que vos damos
 E' para os mandar casar,
 E pegai este arengueiro
 E mandai-o degolar,
 «Arengueiro, embusteiro,
 O que ganhaste em contar ?

— «Canhei a forca, senhora;
 D'ella vinde-me tirar.
 «Si eu quizer, bem pudera,
 Pois nas minhas mãos está;
 Para te servir de emenda
 Mandarei te degolar.

4.D. Branca

— O que tens, ó Dona Branca,
Que de côr estás mudada?
«Agua fria, senhor pai.
Que bebo de madrugada.

— Juro por esta espada,
Affirmo por meu punhal,
Que antes dos nove mezes
Dona Branca vai queimada.
«Eu não sinto do morrer,
Nem também de me queimar,
Sinto por esta criança
Que é de sangue real.
Si eu tivera o meu criado,
Que fora ao meu mandado,
Escreveria uma carta
A Dom Duarte de Montevalbar.»

— «Fazei a carta, senhora,
Que eu serei o mensageiro;
Viagem de quinze dias
Faço n'uma Ave-Maria.

Escreve, escreve, senhora,
Que eu serei o teu criado;
Viagem de quinze dias,
No jantar serei chegado.
« Abre, abre crystallina
Janella de Portugal,
Quero entregar esta carta
A Dom Duarte de Montevalbar.

Dom Duarte, que leu a carta
Logo se pôz a chorar.
Dando saltinhos em terra,
Como baleia no mar.

Dom Duarte se finge frade
P'ra princeza confessar
Lá no sexto mandamento
Um beijo nella quiz dar.

« Boca que Duarte beijava
Não é pr'a frade beijar!
N'isto então se descobria
E com ella já fugia,
E para a boda a levou.

5.O casamento mallogrado

Estava em minha janella
Casada cora oito dias,
Entrou uma pombinha branca
Não sei que novas trazia.

« São novas ruins de chorar;
Teu marido está doente
Nas terras de Portugal;
Cahiu de um cavallo branco
No meio de um areial,
Arrebentou-se por dentro,
Corre o risco de finar.

6.A Nau Catherineta

Faz vinte e um annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho
Para de noite jantar.

A sola era tão dura,
Que a não pudemos tragar,
Foi-se vendo pela sorte
Quem se havia de matar,
Logo foi cahir a sorte
No capitão-general.
«Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real,
Vê se vês terras de Hespanha,
Areias de Portugal.

— Não vejo terras de Hespanha,
Areias de Portugal,
Vejo sete espadas nuas
Todas para te matar.
Ariba, arriba, gageiro,
A'quelle tope real,
Olha p'ra estrella do norte
Pára poder nos guiar.

— Alvistas (1), meu capitão,
Alvistas, meu general,
Avisto terras de Hespanha,
Areias de Portugal.
Também avistei três moças
Debaixo d'um parreiral,
Duas cosendo setim.
Outra calçando o dedal.
«Todas três são filhas minhas,
Ai quem m'as dera abraçar!
A mais bonita de todas
Para contigo casar.

— Eu não quero sua filha
Que lhe custou a crear.
Quero a náó Catherineta

Para n'ella navegar.

«Tenho meu cavallo branco;
Como não ha outro igual;
Darte-lo-hei de presente
Para n-elle passear.

— Eu não quero seu cavallo
Que lhe custou a criar;
Quero a náó Catharineta
Para n'ella navegar.

«Tenho meu palácio nobre,
Como não ha outro assim,
Com suas telhas de prata.
Suas portas de marfim.

— Eu não quero seu palácio
Tão caro de edificar,
Quero a náó Catharineta
Para n'ella navegar.

« A náó Cath'rineta, amigo,
E' d'ElRei de Portugal,
Mas não serei mais ninguém,
Ou El-Rei te ha de dar.

« Desce, desce, meu gageiro,
Meu gaigeirinho real,
Já viste terras de Hespanha,
Areias de Portugal...

7.A Pastorinha

— Bella Pastorinha,
Que fazeis aqui?
« Pastorando o gado
Qu'eu aqui perdi.

— Tão gentil menina
Pastorando gado?!
« Já nasci, senhor,
Para este fado.

— Vamos cá, menina,
P'ra aquelle deserto,
Qu'eu pouco me importa
Que o gado se perca.
« Sae d'aqui, senhor,
Não me dê tormento;
Eu não quero vê-lo
Nem por pensamento.

Olhe, meu senhor.
Cá volte, correndo,
Que o amor é fogo,
Que me vai vencendo.
Olhem para elle
Como vem galante,
Com meias de seda.
Calção do brilhante!
Si os manos vierem
Trazer a merenda?

— Elles não são bichos
Que a nós offenda,
« E si perguntarem
Em que me occupava ?

— N'uma manga d'agua
Que a todos molhava.
« Bem sei que tu queres:
Que te dê um abraço;
E' á sombra do matto,

Mas isto eu não faço.

— Eu me sento aqui
Não com má tenção;
Juro-te, menina,
Que sou teu irmão.
« Sae por um monte,
Qu'eu saio por outro,
A ajuntar o gado
Que é nosso todo.

8.Florioso

— Entre pedras e peneiras,
Senhora, vamos a ver;
Menina que estaes na fente,
Dai-me agua para beber.

« Com licença do Senhor,
E da Senhora da Guia,
Dizei-me, senhor mancebo,
Se vindes da companhia?

— A companhia que trago
Já vos digo na verdade;
Venho divertir o tempo,
Que é cousa da mocidade.

« E' cousa da mocidade,
Bem já me parece ser;
Dizei-me, senhor mancebo,
Se sabeis ler e escrever?

— Eu não sei ler e escrever,
Nem mesmo tocar viola;
Agora quero aprender
Na vossa real escola...

«Escóla tenho eu de minha,
Nange p'ra negro aprender;
Juízo te dê Deus,
Memoria para saber.

— N'estas mimosas esquinas
Faz-se ausência muito mal;
Eu sempre pensei, senhora,
Que vós me queríeis mal.

« Quanto a mim, eu não te quero
N'alma, nem no coração;
Até só te poço, negro.
Que não me toques na mão.

— Nas mãos eu não vos toco,
Nem mesmo bulo comvosco;

Quero estar a par de vós,
 Pois eu n'isto levo gosto.
 « Se tu n'isto levas gosto,
 Desgostas por vida tua;
 Quo esta cara que aqui está
 E' de outro e não é tua.

— Se é de outro e não é minha
 Inda espero que ha do ser;
 Menina, diga a seu pai
 Que me mande receber.

« Taes palavras eu não digo
 Que inda sou muito escusada,
 Pois eu sou menina e moça,
 Não sou para ser casada.

— Inda mais moças que vós
 Regera casa e têm marido,
 Assim ha-de ser, menina,
 Quando casardes commigo.

« Mas eu não hei-de casar,
 Porque não hei-de querer;
 Eu não me metto a perigos.
 Quando vejo anoitecer...

— Nem eu quero cousa á força,
 Sinão por muita vontade.
 Eu quero gozar a vida
 Que é cousa da mocidade.

« D'onde vera o Florioso
 Das melendias penteadas? (1)
 — Eu venho ser o vaqueiro
 Das ovelhas mais das cabras.

« D'este mesmo gado eu cuido
 Da mais fina geração
 — D'aquelle que veste luvas
 De cinco dedos na mão.

« Já fui contar as estrelas,
— Eu já sei que estou no caso...
« Eu sei agora, mancebo,
Que tu só és o diabo...

— O diabo eu não sou
Ai! Jesus que feio nome!
Só peço ao Senhor da Cruz
Que este diabo vos tome. »

9.O cégo

— Sou um pobre cego,
Que ando sósinho,
Pedindo uma esmola
Sem errar o caminho.

Aqui está um cégo,
Pedindo uma esmola,
Devotos de Deus
E de Nossa Senhora.

« Minha mãe, acorde
Do seu bom dormir,
Que aqui está um cego.
A cantar e a pedir.

— « Se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Para o pobre cégo
Seguir seu caminho.

Não quero seu pão,
Nem também seu vinho;
Só quero que Anninha
Me ensino o caminho.

— « Anna, larga á roca,
E também o linho;
Vae com o pobre cego,
Lh'ensina o caminho,

« Já larguei a roca
E também o linho;
Já me vou com o cego
Ensinar o caminho.

O caminho ahi vai
Mui bem direitinho,
Se fique ahi,
Vou fiar meu linho.

— Caminha, menina,
Mais um bocadinho;

Sou cego da vista,
Não vejo o caminho.
« Caminhe, senhor cego,
Que isto é bem tardar;
Quero ir-me embora.
Quero ir-me deitar.

— Aperta as passadas
Mais um bocadinho,
Sou cego da vista,
Não vejo o caminho.

« Adeus, minha casa,
Adeus, minha terra
Adeus, minha mãe,
Que tão falsa me era,

— Adeus, minha pátria,
Adeus, gente boa;
Adeus, minha mãe
Que me vou á tôa.

« Valha-me Deus
E Santa Maria,
Qu'eu nunca vi cego
De cavallaria.

— Se eu me fiz cego
Foi porque queria;
Sou filho de conde,
Tenho bizzarria.

Cala-te, menina,
Deixa de chorar;
Tu inda não sabes
O que vaes gozar.

— « Deus lhe dê bons dias',
Senhora visinha,
Esta meia noite
Me fugiu Anninha.

« — Deus lhe dê os mesmos!
De cara mui feia,
Três filhas que tenho
Vou pôl-as na peia.

10.A flor de Alexandria

Adeus, centro da firmeza,
Adeus, flor de Alexandria,
Se a fortuna me ajudar
Te buscarei algum dia.
Hão sei se mais te verei;
Qual será a minha sorte ?
D'eu te amar ate á morte,
Como d'antes eu te amei?
Meu coração já te dei,
A outro não posso dar;
Só a ti posso afirmar,
Que d'outro não ha-de ser.
Guarda pois esta firmeza,
Nunca te esqueças de mim;
Se a fortuna me ajudar,
Esta ausência terá fim.
Adeus, jasmim de alegria,
Espelho aonde me via;
Rompe o sol e rompe a aurora,
Adeus, clara luz do dia.

11.A Lima

A lima que você mandou
No meu peito se acabou;
Quando a lima era tão doce,
Quanto mais quem a mandou!

Você manda e eu recebo,
Vidinha por derradeiro...
Um cravo que eu achei
Aberto no seu craveiro.

Não será de cheiro igual
A lima que me mandou;
As casquinhas eu guardei
Até sua vista primeira.
Quem no seu jardim plantou
Tão rico pé de limeira,
Que de doce já enfara.
Que p'ra mim só se compara
A um beijo de sua bocca ?
Só um caroço não tinha...
Pago bem a quem me trouxe.
Que o cheiro não acabou se;
Certo é que muito cheira
A lima que me mandou.
Pegue na sua liminha
Enterre lá no jardim;
Que lima para cheirar
Nunca vi cousinha assim...
A lima verde é cheirosa !...
Deixa-me, fructa amorosa,
O teu pé é o espinheiro?
Pois me chamam derroteiro
No centro dos namorados...
Lima verde tem bom cheiro;
O amor não é por dinheiro;
Mas p'ra onde elle pendeu...

ROMERO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia, 1897, pp. 41-42.

12.O Genipapo

— Meu genipapo doce,
Allivio de toda a tarde,
Bem podéra me levar
Para allivio de meus males.
« Fique-se com Deus, meu bem,
Meu genipapo gostoso;
Que no tempo que eu lhe amava,
Por vossê me desvelava,
E' porque sempre cuidava
Que vossê firme seria;
Mas já que chegou o dia
De vossê de mim se esquecer,
Procurando a quem foi seu.
Podo viver na certeza
Que p'ra mim vossê morreu.

13.Senhor Pereira de Moraes

Onde vai, senhor Pereira de Moraes?
Vossê vai, não vem cá mais;
As mulatinhas ficam dando ais,
Paliando baixo,
Para metter palavriado...
Tomando o pente
P'ra fazer seu penteado...
Com bem cuidado
Para abrir liberdade? (1)
Qu'é d'êl-o peru azul?
Qu'é d'êl a banha do teyú?
Dois amantes vão dizendo
« Venda a roupa e fique nu... »
Mulatinhas renegadas,
Mais as suas camaradas,
Me comeram o dinheiro.
Me deixaram esmolambado;
Ajuntaram-se ellas todas
P'ra fazer-me galhofadas...
Ora, meu Deus,
Ora, meu Deus,
Qu' estas mulatinhas
São peccados meus...

14.A Mutuca

Hoje eu fui por um caminho
E topei um gavião
Com a mutuca no chapéu,
Moriçoca no calção.

Encontrei um persevejo
Montado n'um caranguejo,
Caranguejo de barrete,
Moriçoca de balão.
Homem velho sem ceroulas
Não se atrepe em bananeira;
Mulher velha alcoviteira,
Toda gosta de funcção.
Arrepia sapucaia,
Sambambaia;
Manoel Pereira
Macacheira,
Manipueira. (1)
O teu pai era ferreiro,
O meu não era;
Tua mãe toca folies,
Meu amor,
Para tocar alvorada
Na porta do trovador.

15.Redondo, sinhá

Oh! sinhá, minha sinhá,
Oh! sinhá de meu abrigo.
Estou cantando o meu redondo,
Ninguém se importe commigo.
Redondo sinhá.
Certa velha intentou
Urinar n'uma ladeira,
Encheu rios e riachos,
E a lagoa da Ribeira,
Redondo, sinhá.

E sete engenhos môeu,
Sete frades afogou,
E a maldita d'esta velha
Inda diz que não mijou...

Redondo, sinhá.

Esta velha intentou
Vestir panno de fustão,
Precisou quinhentos covados
P'ra fazer um cabeção.

Redondo, sinhá.

Depois do panno cortado
Não sahiu de seu agrado;
Precisou d'outros quinhentos
Para fazer os quadrados. (1)

Redondo, sinhá.

Esta velha intentou
Tirar um dente do queixai,
Procurou quinhentos bois
E cem cordas de laçar.

Redondo, sinhá.

Não sou pinto de vintém,
Não sou frango de tostão;
A maldita d'esta velha

Quer fazer de mim capão.

Redondo, sinhá.

Eu caso contigo, velha,
Ha de ser com condição
D'eu dormir na boa cama,
E tu, velha, no fogão.

Redondo, sinhá.

Eu casei contigo, velha,
P'ra livrar da filharada...
Quando entrou em nove raezes
Pariu cem de uma ninhada!

Redondo, sinhá.

Trinta e ura meios de sola
Na praça se rematou,
P'ra fazer seu sapatinho...
Assim mesmo não chegou.

Redondo, sinhá.

A velha quando morreu,
Eu mandei-a enterrar;
Como não coube na terra
Mandei-a lançar no mar.

Redondo, sinhá.

16.A Ribeira Velha

Ribeira velha,
Porto de mar,
Aonde as barquinhas
Vão calafetar.
Peguem na ferragem,
Lancem lá no mar

P'ra fazer uma nau,
Uma nau bem galante,
Para navegar
Pelas partes da índia. .
Aquelle menino
E' da banda miúda.
Cambrainhas finas
Não são p'ra vossê;
P'ra gente, sinhá,
Que me faz a mercê,
Que deita na cama,
Não tem que dizer.
Félix do Retiro
Mandou-me chamar.
Eu mandei dizer
Que não ia lá...
Arengas com frade
Não quero tomar.
Conversas de dia
Acabam de noite
Em prantos de choros
De Manoel João,
Que anda na rua
Com seu pé no chão,
Bulindo com mulatinhas.
Bulindo com crioulinhas.
Lá no Mundo Novo
Tem uma casinha;
Dentro delia mora
Certa mulatinha.

17.O Jaburú

Quando eu vim do Jaburu
Fui á noite passear,
Encontrei com cirysinho
Carregado de araçá;
E fallei para comprar
Para dar á mãe Thereza.
Como foi maracareza
Engordar o meu vintém...
As meninas do Bugio
Não comem sinão feijão...
Meus senhores e senhoras,
Desculpai a minha acção.

18.A Mulatinha

— Estava de noite
Na porta da rua,
'Proveitando a fresca
Da noite de lua,
Quando vi passar
Certa mulatinha,
Camisa gommada,
Cabello entrançadinho.
Peguei o capote,

Sahi atraz della,
No virar do beeco
Encontrei com ella.
Ella foi dizendo
« Senhor, o que quer ?
Eu já não posso
Estar mais em pé.
Olhei-lhe p'r'as orelhas,
Vi-lhe uns brincos finos,
Na restea da lua
Estavam reluzindo.
Olhei p'r'o pescoço,
Vi um bello collar;
Estava a mulatinha
Boa de s amar.
Olhei-lhe p'r'os olhos,
Vi bem foi ramela;
De cada um torno
Bem dava uma vela.
Olhei-lhe p'r'a cara.
Não lhe vi nariz;
No meio do rosto
Tinha um chafariz.
Olhei-lhe p'r'a bocca
Não vi-lhe um só dente;
Parecia o diabo
Em figura de gente.
Olhei-lhe p'r'os peitos,
Eram de marmota;
Pareciam bem
Peitos de uma porca.
Olhei-lhe p'r'as pernas,

Eram de vaqueta;
Comidas de lepra,
E cheias de greta.
Olhei-lhe p'r'os pés.
Benzi me de medo;
Tinha cem bichos
Em cada um dedo.

19.Os cócós de cordão

« A minha mana Luiza
E' moça de opinião;
Passou a mão na thesoura,
Deu com os cócós no chão.

Sete canadas de azeite,
Banha de camaleão
E' pouco p'ra fazer banha
P'ra estes cócós do cordão.

O cebo está muito caro,
'Stá valendo um dinheirão;
Quero vêr com que se acocham
Estes cócós de cordão.

Os caixeiros da Estancia (1)
Levam grande repellão,
Para não venderem sebo
P'ra estes cócós de cordão.

Deus permitta que não chova,
P'ra não haver algodão;
Quero vêr com que se amarram
Estes cócós de cordão.

Na fonte da gameilleira
Não se lava com sabão;
Se lavam com folhas verdes
Estes cócós de cordão.
As negras de taboleiro
Não comem mais carne, não;
Só comem sebo de tripa
D'estes cócós de cordão.

O moço que é brasileiro,
Que conserva opinião,
Não deita na sua rede
D'estes cócós de cordão.

Ajuntem se as moças todas
Em redor d'este pilão,
Qu'ê p'ra pizarem o sebo

P'ra estes cócós de cordão.

Ajuntem-se as velhas todas
Em roda do violão,
Qu'é p'ra dançarem o samba (1)
D'estes cócós de cordão.

20.A Moqueca

Minha moqueca está feita,
Meu bem;
Vamos nós todos jantar :
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de coco,
Molho de fubá;
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá ;
Tudo mexidinho
Por mão de yayá!...
Qual será o ladrão
Que não gostará?!...
Qual será o demónio
Que não comerá?!...

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
Só falta azeite dendê;
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de coco,
Molho de fubá, etc

Ella tem todos temperos,
Meu bem;
O que lhe falta é limão :
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca do coco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho
Por mão de yayá, etc.

Ella tem todos temperos.
Meu bem;
Também levou pimentão.
Bravos os dêngos
Da minha yayá;
Moqueca de coco,
Molho de fubá,

Tudo bem feitinho, etc.

Minha moqueca é gostosa
Meu bem;
As moças venham provar.
Bravos os dêngos,
Da minha yayá;
Moqueca de coco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho, etc.

Oh ! que gente tão gulosa,
Meu bem;
A moqueca se acabou.
Bravos os dêngos
Da minha yayá ;
Moqueca de côco,
Molho de fubá,
Tudo bem feitinho, etc.

21.O ladrão do Padresinho

O ladrão do padresinho
Deu agora em namorador;
Padre, vossê vá-se embora,
Que eu não quero o seu amor.

— O amor não é seu
E' de Raphael;
Raphael quando fôr
E' de quem quizer...
Vou criar as minhas raivas
Com meus calundús, (1)
P'ra fazer as cousinhas
Que eu bem quizer...
Ai! me largue o babado!
Ai ! me largue, diacho ! (2)
Que diacho de padre,
Ai, meu Deus !
Que diacho de padre,
Meu Santo António !...

O padre já estava orando,
Quando a mulata chegou;
Veiu dizer lá de dentro :
— Eu sou seu venerador :
O amor não é seu,
E' de Raphael;
Raphael quando for, etc.

O padre foi dizer missa
Lá na torre de Belém;
Em vez de dizer Oremus,
Chamou Maricas —Meu bem !...
O amor não é seu,
E' de Raphael;
Raphael quando fôr, etc.

Eu perguntei ao padre :
Porque deu em meu irmão ?
— Com saudades das morenas,
Não quero ser padre, não.
O amor não e seu,
E' de Raphael;
Raphael quando fôr, etc.

ROMERO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia, 1897, pp. 62-63.

22. Quero bem á mulatinha...

Quero bem á mulatinha
Por ser muito de meu gosto;
Se os parentes se anojarem,
Um valente topa outro.
Pelo feixe da espingarda,
Pelo cano que ella tem,
Pelo fio de minha espada
Que não engeito a ninguém.

Se puxar por minha espada
Na beirinha da lagoa,
Se acaso fico perdido,
Seja por cousinha boa.
-Rompo chuvas e trovões.
Coriscos, e criminoso
Ando no mundo, queixoso
Sem de mim se fallar nada !
Hei-de amar a mulatinha
Pelo feixe da espingarda.
Viva Sant'Anna e Maria,
E S. Joaquim n'este dia;
Deus quando subiu p'ra guia
Deixou para valimento
O testemunho da gente.
Para amparo dos christãos
Viva Sant'Anna e Maria.

23.O Boi-Espacio

Eu tinha meu Boi-Espacio, (1)
 Qu'era meu boi cortelleiro, ^2)
 Que comia em três sertão, (3)
 Bebia na Cajazeira, (4)
 Malhava (5) lá no oiteiro,
 Descançava em Riachão. (6)
 Eu tinha meu Boi-Espacio,
 Meu boi preto caraúna;
 Por ter a ponta mui fina,
 Sempre fui botei-lhe a unha.
 Estava na minha casa,
 Na minha porta assentado;
 Chegou seu António Ferreira, (7)
 Montadado no seu rução.
 Com o irmão de Damião.
 Montado no seu lazão, (8)

Dizendo do coração:
 — Botai-me este boi no chão.
 Gritei pelo meu cachorro,
 Meu cachorro Tubarão:
 «Agora, meu boi, agora,
 Faz acto do contrição!
 Ecô, meu cachorro ecô !. . . »
 No curral da Piedade
 Eu dei com meu boi no chão.
 Ao depois do boi no chão,
 Chegou o moleque João,
 Se arrastando pelo chão,
 Fazendo as vezes de cão, (1)
 Pedindo o sebo do boi
 P'ra temperar seu feijão.
 A morte deste meu boi
 A todos fizera pena;
 Ao depois d'este boi morto,
 Cabou-se (2) meu boi, morena.
 « No anno em que eu nasci,
 No outro que me criei.
 No outro que fui bezerro,
 No outro que fui mamote, (3)
 No outro que fui garrote,
 No outro que me caparam

Andei bem perto da morte.
«Minha mãe era uma vacca,
Vaquina de opinião;
Ella tinha o ubre grande
Que arrastava pelo chão.
Minha mãe era uma vacca,
Vaquinha de opinião;
Emquanto fui barbatão
Nunca entrei em curralão.
Estava no meu descanço
Debaixo da cajazeira,
Botei os olhos na estrada,
Lá vinha seu António Ferreira...
Estando n'uma malhada
Já na sombra recolhido,
Logo que vi o Ferreira
Alli achei-me perdido.
Foi-me tudo ao contrario,
E sempre fui perseguido;
Já me conhecem o rasto,
O Boi-Espacio está perdido,
Não tem a culpa o Ferreira,
Que não me pôde avistar,
Foi o caboclo damnado
Que parte de mim foi dar.
O seu António Ferreira
Tem três cavallos damnados:
O primeiro é o ruço,
O segundo é o lazão,
O terceiro é o Piaba...
Três cavallo endiabrados!(1)
Mas eu não temo cavallo,
Que se chama o Deixa-fama,
Também não temo o vaqueiro
Que derrubei lá na lama.
Me metteram no curral,
Me trancaram de alçapão;
E bati n'um canto e n'outro,
Não pude sahir mais não!
Adeus, fonte onde eu bebia,
Adeus, pasto onde eu comia,
Malhador onde eu malhava;
Adeus, ribeira corrente.
Adeus, caraiíba verde,

Descanço de tanta gente!...
O couro do Boi-Espacio
Deu cem pares de surrão,
Para carregar farinha
Da praia de Maranhão.

O fato do Boi-Espacio
Cem pessoas a tratar,
Outras cem para virar...
O resto pr'a urubusada.
O cebo do Boi-Espacio
D'elle fizeram sabão
Para se lavar a roupa
Da gente lá do sertão. (1)
A lingua do Boi-Espacio,
D'ella fizeram fritada;
Comeu a cidade inteira,
Não foi mentira, nem nada.
Os miolos do Boi-Espacio,
D'elles fez-se panellada;
Comeu a cidade inteira,
O resto p'ra cachorrada.
Os cascos do Boi-Espacio,
D'elles fizeram canoa,
Para se passar Marotos (2)
Do Brasil para Lisboa.
Os chifres do Boi-Espacio,
D'elles fizeram colher
Para temperar banquetes
Das moças de Patamuté. (3)
Os olhos do Boi-Espacio,
D'elles fizeram botão
Para pregar nas casacas
Dos moços lá do sertão.
Costellas do Boi-Espacio,
D'ellas se fez cavador
Para se cavar cacimbas;
De duras não se quebrou. (4)
O sangue do Boi-Espacio
Era de tanta excepção
Que afogou a três vaqueiros.
Todos três de opinião.
Canellas do Boi- Espacio
D'ellas se fizera mão

Para pizar o milho
Da gente lá do sertão.
E da pá do Boi-Espacio.
D'ella se féz tamborete
Para mandar de presente
A nosso amigo Cadete.
Do rabo do Boi-Espacio,
D'elle fizeram bastão
Para as velhas lá de cima
Andar com elle na mão.

24.O Lucas da Feira

Adeus, terra do limão,
Terra onde fui nascido;
Vou prêso para a Bahia,
Levo saudades commigo.
Eu vou preso pr'a Bahia,
Eu vou preso, não vou só,
Só levo um pezar commigo:
E' da filha do major.
Eu vou prêso p'ra Bahia.
Levo guarda e sentinellas.
Para saber quanto custa
Honra de moças donzellas.
Estes socios meus amigos
Do mim não têm que dizer;
Que por eu me vêr perdido
Não boto outra a perder.
Estes sócios meus amigos
A mim fizeram traição;
Ganharam o seu dinheiro,
Me entregaram á prisão.
Meus amigos me diziam
Que deixasse de funcção,
Que o Casumbá por dinheiro
Fazia as vezes do cão.
Vindo eu de lá da festa
De Sam Gonçalo dos Campos,
Com o susto do Casumbá
Cahiu-me a espada da mão.
Já me quebraram o braço,
Já me vou a enforçar;
Como sei que a morte é certa
Vou morrendo devagar.
Quando na Bahia entrei
Vi muita cara faceira;
Brancos e prelos gritando :
— Lá vem o Lucas da Feira!
Quando eu no Rio entrei
Cahiu-me a cara no chão;
A rainha veio dizendo:
— Lá vem a cara do cão.

ROMERO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia, 1897, pp. 120-121.

25.O Calangro

Calango fez um sobrado
De vinte e cinco janellas
Para botar moças brancas,
Mulatas côr de canella.

Calango matou um boi,
D'elle não deu a ninguém;
Lagartixa respondeu:
— Calango fez muito bem.

O calango foi á feira
Em traje de gente rica;
Lagartixa respondeu:
— Calango, vossê lá fica.

O Calango foi á festa
Montado n'uma leitôa;
Lagartixa respondeu;
— Calango não é pessoa.

Calango estava deitado
Na prôa do seu navio;
Lagartixa respondeu:
— Calango, tu és vadio.

Calango sahiu á rua
Montado n'uma perua;
Lagartixa respondeu:
— Vejo que a tola está núa.

Calango foi convidado
Para ser juiz de paz;
Lagartixa respondeu:
— Calango, veja o que faz.

Calango foi á Bahia
Com seu barco de feijão;
Lagartixa respondeu:
— Cada bage é um tostão.

O calango é bicho porco,
Num folguedo quiz entrar;
Lagartixa respondeu:
— Calango, vai-te lavar.

Calango foi convidado
Para ser um presidente;
Lagartixa respondeu:
— Calango, me traz um pente.

Minha gente, venha vêr
Cousa de fazer horror
Lagartixa de chinelas,
Calango de paletô.

26.O Sapo do Cariri

No sertão do Cariri (1)
Havia um sapo casado,
Na sêcca de oitenta e nove
Quasi que morre torrado.

Determinou a mudar-se
Levando comsigo a Gia,
Descendo cabeça abaixo
Em procura da Bahia.

E' certo que vae pejada
Dona Gia de Menezes,
Que já vae a completar
A conta de nove mezes.

E deu no pé de uma serra
Nos mares de Acaracú,
Logo alli á tardesinha
Deu na casa do teyú.

Bateu na porta do dito:
«Deus vos guarde, meu Senhor,
Vasmincê, por caridade,
Dá-me um rancho por favor.»

— Não, senhor, não pôde ser,
Pois a casinha é pequena,
Não havemos de caber.
Ao demais, pelo que vejo.
Parece que não vem só,
Pelo trem que vem trazendo
Também traz a sua avó.

«Não, senhor, a minha avó
Ha muito que já morreu;
Esta que trago aqui
E' a mulher que Deus me deu.
D'isto mesmo me arreceio
De andar a riba e abaixo,
Com medo qu'ella não pára
Antes que chegue ao riacho.»

— Visto isto, meu senhor,
 Entre vasmincê p'ra dentro,
 Recolha-se áquelle quarto,
 Faça lá seu aposento.
 E precisa-se saber
 Da senhora D. Gia
 Se nos promette socego,
 E não muita gritaria.

«Sim, senhor, senhor teyú,
 Também sabemos da solfa,
 Mas não usaremos d'ella,
 Porque a casa não é nossa.»

Desce o teyú as escadas
 P'ras camarinhas de baixo;
 Dão dores em D. Gia,
 Que pare um sapinho macho.

«Marido, você não sabe,
 Que por direita rezão.
 Deve o teyú ser padrinho
 D'este nosso rapagão?»

«Bom, muito bom discurso,
 Minha mulher, D. Gia,
 Hei-de fazer o convite
 Assim que amanheça o dia.

— Bons dias, Siá. D. Gia,
 Como se foi de dormida ?
 «Eu, bem, amanheci parida
 De um menino mui perfeito,
 Que pelo chorar, parece,
 Ser solfista de preceito.»

«Não lhe servindo de incommodo,
 Nem também de enfade.
 Quero que vasmincê seja
 O bom do nosso compade.»

— Eu só para o seu serviço
 Muito gostoso me acho;
 Mas é preciso saber
 Se o menino é fêmea ou macho.

«É' machinho, meu Senhor,
E p'ra cantar minuete
Por musicas e solfejos
Elle é todo sem defeite.»

— A comadre não precisa
D'alguma ama de leite,
E também d'um panicum
Onde este menino deite?—

«Meu Senhor, ama de leite
Isto não lhe dê enfade,
Que quando faltar o meu,
Suprirá o seu compade.»

— Oh ! comadre, e o meu compadre
Tem peito que nem mulher?
«Batendo nas costas d'elle,
Da leite como qualquer.»

— Vasmincê, me dê licença.
Que o sol está esquentando,
E vou aqui pela estrada
Dar um giro passeando.—

«Vasmincê, manda e não pede,»
Responde a gia e o sapo.
Deus o livre do cadello
Que o deseja pôr no papo.»

Sahe o teyú por alli
Ligeirinho se arrastando.
Escutando com bem medo
Alguém que andasse caçando.

Deu logo com um vaqueiro
De muito certa jornada,
Que lhe deu com o rastinho
Muito fresco da estrada.

Escutou e fez sentido,
Atrepou depois num páu,
E tocou a sericoria
Parecendo birimbáu.

O cachorro quando ouviu
Que o tom era do senhor,

Botou-se por alli fora
E n'um instante chegou.

Mestre sapo mais a gia.
Que estavam cantarolando,
Não sabiam do barulho
Que o teyú estava arranjando.

Mas o cachorro damnado
Dá com o sapo cururú,
E endireitou-se para elle
Julgando qu'era o teyú.

A gia sahiu á frente
Dizendo: «seu presumido!
Não me mate meu marido,
Tenha pena d' um sapinho.
Que lhe faltando seu pai
Morre á mingua, coitadinho.»

«Eu não o mato, senhora,
Não é por dó delle ter,
E' por nojo delle haver,
Que um diabo como este
Só se levando a cacete;
Pois tem a pelle tão grossa
Que por ella verte azeite.»

Assim succede a quem anda
Por casa que não é sua,
Mesmo sendo de compadre
Anda com os quartos na rua.

O sapo de grande susto
Ficou meio adoentado,
Não disse nada ao teyú,
Mas ficou desconfiado.

«Marido, este seu mal
Parece ser perigoso;
Precisa tomar purgante
De raiz de fedegoso.»

«Mulher, lá nos Cariris
Entendia alguma cousa?
«Marido, nos Cariris,

Em mim tinham sua fé,
Depois que curei de olhado
O formoso jacaré.

«Faça seu apontamento
Em seu juízo perfeito,
P'ra depois eu não ficar
Embaraçada e sem jeito.

«Mulher, por meu testamento
Não lhe bata este papinho,
Deixo as solfas p'ra você
A boceta p'r'o sapinho.

«E, marido, o seu enterro?
«O meu enterro, mulher,
As formigas e urubus
O farão como quizer.

Sahiu a gia p'ra fora
Caçar remédio p'r'o sapo;
Encontrando os urubus,
Quasi cahi no buraco.

Marido, era verdade
O que você me dizia,
Perto do buraco estava
Reunida a clerezia;
O que digo não é pêta,
Todos de chimarra preta

Crivada de diamantes,
E por uma banda e outra
Sessenta e dois estudantes.
E aonde ha um abade
Do tamanho de um peru,
Que é o Félix do Pedrão.»

«Félix do Pedrão, mulher,
E' homem muito mofino,
Que sem que veja dinheiro,
Não pega em corda de sino.»

Tendo o sapo melhorado
 Foi-se embora com a Gia,
 Com medo d'outro barulho
 Que o teyú trazer podia.

N'isto o teyú apparece;
 «—Deus vos salve, meu compadre;
 Cá pela sua casa
 Houve alguma novidade ?

E o meu afilhadosinho
 Já toca solfa no coro ?
 Vasmincês n'aquelle dia
 Fizeram praça ao cachorro.»

O sapo quando isto ouviu,
 Qu'era uma pabulage,
 Aqui mesmo foi descendo
 O surrão da matalutage,
 Foi levando mãos á riba
 Puchou pela parnahyba.

«Ah ! seu cão! seu pé de gancho.»
 «—Este é o pago que me dás
 De ter te dado o meu rancho ?
 «Ah: cão! ah ! cara de fome !
 Atira, atira, seguro,
 Que tu atiras em home.»
 «Acuda, Siá D. Gia,
 Não seja tyranna, ingrata,
 Veja bem que estou por baixo,
 O cão do teyú me mata.»

« Marido que mofineza!...
 Puxe a faca da maneira;
 Não se esqueça onde ella está
 Eu a botei n'algibeira. »

«Esta mulher D. Gia
 E' mulher muito faceira,
 Sempre anda se lembrando
 Da pequena da maneira.»

E puxou a mão da faca,
 Sahiu o teyú ferido.

A Gia ficou com queixa
De o cão matar o marido.

Foram tratar de fazer
Morada de pedra e cal,
Mas sem cuidar de saber
Que isto era p'ra seu mal.

Cahiu a casa
Como esparrella.
Morreram todos
De dentro d'ella.
Sahiu o sapinho
Por um buraquinho.

27. Meu bemzinho, diga, diga.

— Meu bemzinho, diga, diga,
 Por sua bocca confesse
 Se você nunca já teve
 Quem tanto bem lhe quizesse.

« Se é verdade que não tive
 Quem tanto bem me quizesse,
 Também nunca possuí
 Quem tantos tratos me desse;

— Os trabalhos qn'eu te dei,
 Vossê mesmo os procurou,
 Que da casa de meu pae,
 De lá vossê me tirou.

— Se de lá eu te tirei
 Foi por me ver perseguido;
 Quantas e quantas vezes
 Não me tenho arrependido!
 « Que te arrependes, amor?
 D'este teu genio tão forte?
 Não prometteste ser firme
 Até na hora da morte?

Até na hora da morte
 Sentirei ingratidão,
 Tendo sido eu a dona
 Roubada d'este ladrão !...
 Nunca comi do ladrão,
 Nem pretendo comer;
 Poderei comer agora
 Debaixo do seu poder

— Debaixo de meu poder.
 Tu terás grande valia;
 Sahindo d'elle p'ra fora,
 Não terás mais fidalguia.
 « Esta fidalguia minha
 Nunca ha-de se acabar;
 Qu'eu com gente mais somenos
 Nunca hei do me pegar.

— Pega, então, meu amor,
 Procurando opinião!
 Que estas meninas de agora
 Não buscam estimação.
 « Não procura estimação

Só aquella que é pobre;

Uma dona, como eu,

Só procura gente nobre.

— Goza, meu bem, goza a vida,

Qu'eu, a noite, vou te vêr,

Dando suspiros e ais

P'ra não te ver padecer.

28.Sapo Cururú

Sapateiro novo,
Me faz um sapato
De sola bem fina
P'ra dançar o sapo.
Bum...

— Sapo cururú
Da beira do rio!
«Não me bote n'agua,
Que eu morro de frio.
Bum...

— Sapo cururú
De Dona Thereza!
« Me corte o cabelo,
Me deixe a beleza.
Bum...

— Sapo cururú,
Que fazes lá dentro ?
«'Stou calçando as meias
P'ra meu casamento.
Bum...

— Sapo cururú
Diz que quer casar?
« P'ra ter minha mulher
P'ra me regalar.
Bum...

Bailes, cheganças e reisados.**29. Baile da Lavadeira**

SAHE A 1ª LAVADEIRA (cantando.).

Antes que o sol saia,
Hei de madrugar
Nas margens do rio,
Onde vou lavar.

Passarei contente,
Muito divertida.
Com as mais companheiras
Da mesma lida.

Aqui ficarei
Bem acomodada,
Livre do calor,
E da enxurrada.

Neste cantinho
Ficarei contente,
Dando logar
Se vier mais gente.

SAHE A 2ª LAVADEIRA (cantando.).

Eu vou caminhando,
Que o sol está alto,
Eu não sei se corro,
Eu não sei se salto.

Porém já lá vejo
Outra companheira.
E' Damiana
Que veio primeira.

FALLA A 2ª LAVADEIRA PARA A 1ª

Deus vos salve, maninha,
Aqui sejaes bem chegada,
De perigos e de sustos

De tudo sejaes guardada.

FALLA A 1ª PASTORA

Deus vos salve, e tambem vós,
De que chegaes tão cançada?
Por vires hoje mais tarde
E' que estaes tão fatigada ?

FALLA A 2ª Pastora

Na verdade, Damiana,
Que muito tarde acordei,
E como vim na carreira,
Muito cascada cheguei.

FALLA A 1ª PASTORA

De que pois então corrias ?
Viste acaso alguma fera,
Ou algum lobo faminto,
Ou viste tremer a terra ?

FALLA A 2ª PASTORA

Tenho andado sosinha,
Por bosques, penhas e valles:
Entre animaes ferozes,
Mas sempre livre de males.

E assim, oh Damiana,
Dou graças ao Creador,
Pela mercê que me fez
De me dar tanto valor.

Cantam as duas lavadeiras, seguindo para uma horta a estenderem roupa.

Pastorinhas, grande dieta
Hoje todo o mundo alcança.
Baixou já dos Céos a terra,
Fructo da nossa esperança.

CANTA BENTA, passeiando na horta.

Grande pensão, grande lida,
Eu tenho na horta bella.
De regai a, de cuidai- a.
Que não dê o bicho nella.

Quem quer comprar
Verduras mimosas,
Emquanto estão »
Mui cubiçosas?

BENTA para as lavadeiras:

Grande confiança é a vossa,
De estenderem roupa nesta horta.
(Joga com a roupa.).

CANTA BENTA
Quem quer comprar, etc.

SAHI A 4ª PASTORA, cantando

Ando procurando
Se alguém me viu
O meu carneirinho,
Que me fugiu.

Por mais que eu procure
Por todo caminho,
Não posso encontrar
O meu carneirinho.

Do meu curralinho
Stulto fugiu,
Não sei como o lobo
O não enguliu.

(Entra na horta de Benta, apanha o carneiro
e canta)

Lá está na horta
DA Benta hortaleira;
Como está cansado

Da grande carreira!

BENTA PARA A 4ª PASTORA

Pastorinha, como entraste
Aqui, sem minha licença?
Olha que esta ousadia
Já me causa grande offensa.

4ª PASTORA

Ouve-me fallar primeiro.

BENTA

Desculpas não tens que dar,
Ide-vos deste lugar.

4* PASTORA

Benta, cá comigo,
Falle com modo attento,
Pois eu não hei de soffrer
De qualquer, atrevimento.

BENTA

Atrevimento, Filena!
Ignoro este tratar;
Não queiras, pois deste modo
A minha fúria irritar.

4ª PASTORA

Ora dai-me o carneirinho,
Não é vosso, pois é meu.

BENTA

Também tenho parte n'elle
Pelas hervas que comeu.

4ª PASTORA

Como isto pôde ser,
Agora me rio eu...

BENTA

Ora isto não se atura,
Eu estalo de paixão.

4ª PASTORA

Assim é, bella menina,
Pelo que diz tem razão;
Ora dai -me o carneirinho,
E basta de mangação.

BENTA

Levai, pois, o carneirinho,
Já d'elle me não importa;
Só quero saber por onde
Vós entrastes nesta horta.

4ª PASTORA

Na carreira em que elle vinha
Saltando montes e valles,
Perdi de todo a razão
Precipitei-me nos males.

Saltei logo a vossa cerca.
Sem mais pequena detença.
Por não perdi o de vista
Não vos fui pedir licença.

CANTA BENTA

Levai o carneiro.
Já creio ser vosso:
Ficar-me com elle
Conheço não posso.

CANTA A 4ª PASTORA, retirando-se

Ficai-vos embora,
Pastorinha bella,
As nyrnphas vos teçam
Mimosa capella.

SAHE O PESCADOR COM O CARNEIRO, falla.

Venha para cá, meu carneiro,
 Venha para cá, meu amigo,
 Que me ha de servir de forro
 Cá dentro de meu umbigo.

Não ha de chegar á porta,
 Nem tão pouco á janella;
 Só ha de andar no fogão
 Mettido em uma panella.

O peixe é para a noite,
 Você só para o jantar;
 Como é hospede não quero
 Que tenha o peor lugar.

Ha de ter vinho na mesa,
 Não cuide que ha de ser só.
 Porque pôde, por descuido,
 Me dar na garganta um nó.

Chupeí o bello quitute
 Que lá na fontinha achei;
 Indo para cima um pouco,
 Com este carneiro encontrei.

Se acaso houver dono d'elle,
 Ha de entrar com migo em contas;
 Entregal o não hei-de
 Por meio de varias pontas.

SAHE A 4ª PASTORA e falla

Venha cá, camaradinha,
 Onde este carneiro achou?

PESCADOR

Por ventura elle é seu?
 Meu trabalho me custou.

4ª PASTORA

Dona sou bem verdadeira,

A razão eu lhe direi;
 Pois do curral me fugiu.
 Cousa que elle nunca fez;
 Mas só lhe digo, que esta
 Já é a segunda vez.

PESCADOR

Você, se quer o carneiro,
 Ha de me dar os signaes,
 Antes que o leve primeiro.

4ª PASTORA

Elle é todo branquinho
 Só cora uma malha em roda;
 Tem uma estrella na testa
 Que mal se vê, por subtileza,
 Que parece ser pintada,
 E não ser da natureza.

PESCADOR

Você cuida que eu estou doudo?
 Estou com tudo o meu sentido,
 Dê-me o signal que quizer,
 Com tudo isto, eu duvido.

4ª PASTORA

Você, como o carneiro
 Não quer soltar das unhas,
 Eu irei chamar a Benta
 Que é bôa testemunha.

PESCADOR

Na verdade razão acho,
 Para que dar testemunha?
 Não grite, fallemos baixo. —(Dá o carneiro)

Quanto mais corre a noticia,
 Que na Lapa de Belém
 Nasceu, por nossa ventura,

Jesus, todo nosso bem.

Vou agora até o rio
O meu colinho buscar;
Antes que algum curioso
Vá os meus peixes furtar.— (Vai-se)

1ª LAVADEIRA PARA A 2ª

Vamos também para a fonte
Nossa roupinha enxugar,
Para também do trabalho
Um pouquinho descançar.

O PESCADOR PARA AS LAVADEIRAS

Eu também vou té o rio
O meu côfinho buscar,
P'ra da minha pescaria
Algum peixinho ofertar.— (Vai-se).

SAHEM AS LAVADEIRAS, Cantando.

O côfo do peixe
Que nós achemos
Na beira do rio
Também levemos.

Já que a fortuna
Nos entregou,
O dono esquecido
O não levou.

SAHE O PESCADOR, cantando.

Grande peça me fizeram,
Grande logro me pregaram;
Toda a minha pescaria.
Todo o meu peixe levaram.

AS DUAS LAVADEIRAS

Vamos ás nossas cabanas
Nossos peixinhos tratar,

Que quem chupou o quitute
Sem peixe venha a ficar.

Ainda que venha o dono
Ha de levar por um óculo.

CHEGA-SE O PESCADOR AS LAVADEIRAS E DIZ:

Eu me vou chegando a ellas
Antes que venha mais gente;
Hei de tomar o meu côfo
A' força de unhas e dentes.

Senhoras, dê-me o meu côfo
Que a mim é que pertence;
Sou obrigado á leval-o,
Disto me não dispense.

Senhoras, dê-me o meu côfo
Não quero graças agora,
Pois eu estou de jornada
E me quero ir emboaa.

(Começa elle a puchal-as.)

AS LAVADEIRAS

Voce é que quer o côfo?
Ha de levar uma bóta;
Não puxe assim pela outra,
Vá puxar sua avó-torta.

(Sahe a 4ª Pastora, toma o côfo das mãos das Lavadeiras, entrega ao Pescador e diz:)

Pois que é isto, meu pastor,
Que contenda é esta agora;
Sabe isto como se faz?
Tome já, vamos embora.

AS DUAS LAVADEIRAS PARA A 4ª PASTORA

Todavia, pastorinha,
Olhe como é chibante,
Entregue o que nos tomou

Aqui já no mesmo instante.

O PESCADOR PARA AS DUAS LAVADEIRAS

O que foi que eu lhe furtei?
Um caboré de guisado!
Eu furtei porque estava
Já de fome arrenegado.

FALLA A 4ª PASTORA PARA O PESCADOR

Foi muito bem acertada
Esta peça que vos fez;
E' para vós não cahirdes
N'outro logre outra vez.

PESCADOR

E de mais, bellas meninas,
Não sabem que succedeu?
Que hoje por nossa ventura
Jesus em Belém nasceu?

TODAS

Promptas 'stamos, mui contentes,
Pois é o nosso desejo
Que por tão alto convite
As vossas plantas eu beijo.

CANTA O PESCADOR

Grande prazer
Temos na verdade;
Nasceu Deus menino
Por summa bondade.
Repetem todos o mesmo.

CANTAM AS DUAS LAVADEIRAS

Aceitai, Jesus Menino,
Nosso coração sincero;
Aceitai, pois dentro d'elle
Firmemente vos venero.

Grande prazer, etc.

CANTAM A 3ª E 4ª PASTORA

A hortaliça que trago
E também o carneirinho
Aceitai, não desprezeis,
Perdoai a offerta minha.
Grande prazer, etc.

CANTA O PESCADOR

Este lindo robalinho
Que vós me destes na linha,
Aceitai, não desprezeis
A humilde offerta minha.
Grande prazer, etc.

30. Chegança dos Marujos

Entrada

Todos: Entremos por esta nobre casa Alegres louvores cantando.
Louvores á Virgem Pura,
Graças a Deus Soberano.

O Contra-mestre:
Olhem como vera brilhando
Esta nobre infantaria!
Saltemos do mar p'ra terra,
Ai, ai!... festejar este dia.

Piloto: Seu Contra-mestre,
Nosso leme está quebrado;
E a proa d'esta não
Já está toda arrebetada

Contra-mestre: Senhor Piloto,
Aqui venho me queixar
Que o seu gageiro grande
Botou-me a agulha no mar.

Piloto: Sem mais demora.
Meu gageiro preso já,
Para elle me dar couta
Da agulha de marear.

Gageiro: Senhor Piloto,
Se promette me soltar,
Já eu lhe darei conta
Da agulha de marear.

Piloto: Sem mais demora
Meu gageiro solto já,
Qu'elle iá me deu conta
Da agulha de marear.

Gageiro: Graças aos céos
De todo meu coração,
Qu 'estou livre dos ferros,
Bailando n'este cordão.

Contra-mestre: Senhor Piloto,
Para onde está mandando?
Já pelo seu respeito
Estamos todos chorando...
Piloto: Seu Contra-mestre,
Não me venha indignar;
Veja bera qu'estou olhando

P'ra agulha de marear.

Contramestre: Senhor Piloto,
Onde está o seu sentido,
Que pelo seu respeito
Estamos todos perdidos?

Piloto : Esta resinga
Não se ha-de se acabar
Sem no fio d'esta espada
Nos havermos de abraçar.

(Segue-se a briga ao mesmo tempo em que Ioda a marujada está cosendo o panno e cantando).

Todos: « Triste vida é do marujo;
Qual d'ellas é mais cançada?...
Que pela triste soldada
Passa tormento Passa trabalhos,.

Dom dom....

« Antes me quizera vêr
Na porta de um botequim.
Do que agora vêr o fim
Da minha vida, Da minha vida...
Dom dom...»

Contra-mestre: Virar, virar, camaradas,
Tirar com grande alegria,
Para vêr se alcançamos
A cidade da Bahia.
Dom dom...

Capitão: Fazem vint'annos e um dia
Que andamos n'ondas do mar,
Botando solas de molho.
Oh! tolina,
Para de noite jantar.
Sobe, sobe, meu gageiro,
Meu gageirinho real;
Olha p'ra estrella do norte,
Oh! tolina,
Para poder-nos guiar.

Gageiro: — Alvistas, (1) meu capitão, Alvistas, meu general,
Avistei terras de Hespanha,
Oh! tolina,
Areias de Portugal...
Também avistei ires moças

Debaixo de um parreiral
 Duas cosendo setim,
 Oh! tolina,
 Outra calçando o didal.

Capitão: Desce, desce, meu gageiro,
 Meu gageirinho real;
 Olha p'ra estrellá do norte.
 Oh ! tolina.
 Para nos poder guiar.

(Tudo isto é cantado e representado ao vivo. Depois que o gageiro desce, a multidão dos marujos vai sahindo, e cantando á despedida).

Todos: Ora, adeus, ora, adeus,
 Que me vou a embarcar;
 Se a fortuna permittir
 Algum dia hei de voltar.
 Ora, adeus, bellas meninas,
 Que de Lisboa cheguei;
 Ai! pensavam que eu não vinha
 Para nunca mais as vêr!...
 Todos filhos da fortuna
 Que quizerem se embarcar,
 A catraia está no porto,
 A maré está baixa-mar.
 Quando Deus formou o navio
 Com seu traquete de lona,
 Também formou o marujo
 Lá no páo da bijarrona.
 Quando Deus formou o navio
 Com seu letreiro na popa.
 Também formou o marujo
 Com seu charuto na bocca.
 Quando me fôr d'esta terra
 Três cousas quero pedir:
 Uma é um mal de amores
 P'ra quando tornar a vir.

Aqui finda-se, e, pela rua, de uma casa para outra, vão cantando improvisos, como este, que pudemos colher.

No jardim das ricas flores
 Vi uma rola cantando;
 A rolinha abriu o bico
 O perfume arrespirando...

ROMERO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia, 1897, pp. 164-168.

31. Chegança dos Mouros

Mar e Guerra: Atraca, atraca, atraca,
Atraca com chibança;
Olhem que os inimigos
Andam comnosco em lembrança.

Patrão: A'lerta! que gente é esta?!
N'esta bulha não posso dormir!..
Estava lá no meu quarto,
Lá me foram consummir.

Todos: Olhem que grande peleja
Temos nós que pelejar,
Se fôr o rei da Turquia,
Se não quizer se entregar!
Trabalharemos com gosto
P'ra nossa espada amolar;
Se fôr o rei da Turquia,
Se não quizer se entregar.

Chegam os mouros e são intimados a renderem-se.

Mar e Guerra: Entreguem-se, mouros,
A' Banta religião,
Que dentro desta não,
Temos ferros no porão.

Rei Mouro:
Eu não me entrego, nem pretendo
No meio de tanta gente;
Somos filhos da Turquia,
Temos fama de valentes.

Mar e Guerra: Entreguem-se, mouros,
Não se ponham a brigar,
Que no tio desta espada
Todos hão-de se acabar.

Rei Mouro:
Eu não me entrego, nem pretendo
No meio de tanta gente;
Somos filhos da Turquia,
Temos fama de valentes.

Travase a lucta mais forte; os mouros são derrotados seu rei é preso; elles entregam-se.

Mouros: Olhem, olhem que desgraça
Nos havia de chegar!

Que nós sendo tão valentes,
Sempre nos ter de entregar !

Segue-se o baptismo dos mouros.

Capellão: Eu vos baptiso, mouros.
Na santa religião,
Fazendo de vós, brutos.
Fazendo de vós christãos.

Depois da victoria, os nossos vão á terra, onde o piloto se entrega com o patrão, e este o fere. E' chamado o capellão para confessar o moribundo, que era seu próprio filho.

Piloto: Olhem que estocada
Me deu o mestre patrão!
Com esta sua bengala
Traspassou meu coração
Mandem chamar o capellão
Que me venha confessar;
Que a ferida é mortal,
D'esta não hei- de escapar.

Capellão: O que tendes, meu rico filho, Filho do meu coração?
Dai-me um par de pistolas
Qu'eu a vida irei vingar-te...

Todos: Senhor padre capellão,
Outro modo de viver;
Não se fie nas orações.
Que também ha-de morrer.

Capellão: Eu não me fio n'ellas,
Nem d'ellas eu faço conta;
Dai-me um par de pistolas
Que a vida te irei vingar.

Retira-se o capellão.

Piloto: Mandem chamar o surjão, (1)
Que venha me curar,
Que a ferida é mortal,
D'esta não hei de escapar.

Cirurgião: Desgraça minha
Hoje aqui n'este lugar;
Se a vida eu não te der
Nos ferros quero acabar.
Mas eu não faço cura
Sem o meu chefe não vêr
Qu'esta tua ferida

Corpo-delicto ha-de ter.

O cirurgião em quanto não chegam o Mar e Guerra e outros para tomarem conhecimento do crime, manda buscar os medicamentos.

Cirurgião: Vem cá, Laurindo,
Vai depressa na botica,
Vai com todo o cuidado,
Traz de lá a medicina.

Laurindo: Aqui tem, meu rico amo,
E também bello senhor,
Aqui tem a medicina,
Sahiu toda a seu favor.

Cirurgião: Unguento novo
Boto na tua ferida,
Bálsamo cheiroso'
E' com que darei-te a vida.

O piloto vai melhorando e se restabelece.

Piloto: Graças aos céos
De todo meu coração,
Que já estou livre da morte,
Bailando neste cordão.

Por este tempo vem o Mar e Guerra e os seus adjunctos e mandam prender o patrão.

Patrão: P'la pureza de Maria,
Pelos santos do altar,
Que hoje é dia de festejo,
Não costumara castigar.

O patrão, não sendo attendido, foi-se valendo de todos os circumstantes, um por um, para o saltarem. Ninguém o atendendo ainda, elle valeu-se de toda a marujada que se prostrou aos pés de Mar e Guerra, que, afinal o mandou soltar.

Patrão: Graças aos céos
De todo meu coração,
Que já estou livre dos ferros.
Bailando n'este cordão.

Acabado o que, todos vão se retirando de casa, fingindo será marujada que vai aterra vender contrabando.

Marujos: Cheguem senhores mercantes,
O seu preço venham dar
Que a fazenda é mui fina.
Para os senhores trajar.

Mercantes: Dou-lhe vinte um cruzados
Pela fazenda real;
Se não me quizer vender,
Vou dar parte ao general;
«Saberá vossa excellencia,
E também meu general,
Que os seus dous guardas marinhas
Fazem negocio p'ra mal.»

Tomam a rua, onde vão cantando improvisos e versos populares.

32.Reisado da Borboleta, do Maracujá e do pica-páo

SCENA 1ª

(Aparece um grupo cantando)

Côro: Quando n'esta casa entramos,
Toda cheia de alegria,
Da cepa nasceu o ramo.
Do ramo nasceu a flor,
E da flor nasceu Maria,
Mãe do nosso Redemptor.

SCENA 2ª

(Aparece uma figura representando a borboleta)

Côro: Borboleta bonitinha,
Saia fora do rosal,
Venha cantar doces hymnos,
Hoje noite de Natal.

Borboleta: Deus lhe dê mui bôa noite,
Bôa noite lhe dê Deus;
Que eu não sou mal ensinada,
Ensino meu pae me deu.

Côro: Borboleta bonitinha,
Saia fora do rosal;
Venha cantar doces hymnos,
Hoje noite de Natal.

Borboleta: Eu sou uma borboleta,
Sou linda, sou feiticeira;
Ando no meio da casa.
Procurando quem me queira.

Côro: Borboleta bonitinha,
Saia fora do rosal, etc.

Borboleta: Eu sou uma borboleta,
Verde da côr da esperança.
Ando no meio da casa,
Com alegria e bonança.

Côro: Borboleta bonitinha,
Saia fora do rosal, etc.

Borboleta: Eu sou uma borboleta,
Vivo de ar e de luz;

Ando no meio da casa
Com minhas azas azues.
Côro: Borboleta bonitinha,
Saia fora do rosal, etc.

Borboleta: Adeus, senhores, adeus,
Já são horas de partir;
Entre a bonina e a açucena
Já são horas de dormir.

SCENA 3ª

(O vaqueiro, quo é uma espécie de palhaço, traz para scena um pé de maracujá artificial;
duas figuras entram e cantam).

1ª figura: Senhores, me dêem licença, Licença me queiram dar;
Que eu vou chamar minh'irmã
Pr'a apanhar maracujá.

2ª figura: Minha irmã me chamou
P'ra apanhar maracujá;
Senhores, me dêem licença,
Licença queiram me dar.

Estrilho: Ecô, ecô,
Apanhar maracujá;
Maracujá perruche,
Apanhar maracujá;
Maracujá de doce,
Apanhar maracujá;
Bem apanhadinho,
Apanhar maracujá;
Bem machucadinho,
Apanhar maracujá;
Pela mão de sinhá,
Apanhar maracujá.

SCENA 4ª

(Apparece um tronco de arvore com dous «pica páos», dous meninos cantam em tomo
do mesmo:)

Meninos; Pinica-páo é marinheiro, Ninguém pôde duvidar.
Com seu barrete vermelho,
E camiza de zanga.

Estrilho: Sinhá Naninha
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Corta-Páo, Berimbáo ; Arrevira o páo,
Meu pinica-páo,
Torna a revirar,

Que isto não é máo...

Meninos: Pinica-páo de curioso
De um páo fez um tambor,
Para tocar a alvorada
Na porta do seu amor.

Estrilho: Sinhá Naninha
De Campos de Minas,
Sinhô Mané, Corta-Páo, Berimbáo ; Arrevira o páo,
Meu pinica-páo,
Torna a revirar,
Que isto não é máo...

Meninos: Pinica-páo de atrevido
Foi ao Rio de Janeiro
Buscar sua mulatinha
Que comprou com seu dinheiro.

Estrilho: Sinhá Naninha
De Campos de Minas, etc.

Meninos: Pinica páo, vamos embora
Pede licença às senhoras,
Faz a tua cortezia,
Procura o tom da viola.

Estrilho: Sinhá Naninha
De Catopos de Minas, etc.

SCENA 5ª

(Representa-se o «Bumba meu boi», cuja a descrição acha-se na Introdução deste livro, e cujos versos são os seguintes:)

Côro : «Olha o boi, olha o boi,
Que te dá;
Ora, entra p'ra dentro,
Meu boi marruá.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá,
Ora, ao dono da casa
Tu vaes festejar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, dá no vaqueiro,
Meu boi guadimar.
Olha o boi, olha o boi
Que te dá;
Ora, espalha este povo,

Meu boi marruá.
 Olha o boi, olha o boi
 Que te dá;
 Ora, sae da catinga,
 Meu boi malabar.
 Olha o boi, olha o boi
 Que te dá;
 Ora faz cortezia,
 Meu boi guadimar...

(Depois de varias evoluções, finge-se o boi morto, e depois levanta-se,)

Vaqueiro: Levanta-te, meu boi,
 Vamo-nos embora,
 Que a viagem é longa,
 D'aqui para fora.
 O meu boi do Minas,
 Como boi primeiro.
 Com a festa do povo
 Dança de pandeiro.
 O meu boi de Minas
 Era um valentão.
 Chegando ao Capinha
 Derrubou no chão.
 O meu boi valente
 E' de coração;
 Dança no escuro;
 Sem um lampeão.
 Aqui estou esperando
 Bem de coração
 A sua resposta
 Oh! seu capitão.

SCENA 6ª

(Reunem-se todas as figuras e cantam em despedida:)

Retirada, meu bem, retirada,
 Acabou-se a nossa função,
 Não tenho mais alegrias,
 Nem tara bem consolação.
 Bateu aza, cantou o gallo,
 Quando o Salvador nasceu;
 Cantam anjos nas alturas
Gloria in excelsis Deo!...

33.Reisado do José do Valle

— Minha mãe assuba,
Falle como gente;
Assuba o palácio,
Falle ao presidente.
Pegue na cabocla,
Dê-lhe co'o bordão,
Qu'ella foi a causa
Da minha prisão.
A minha prisão
Foi ao meio dia,
Nas casas extranhas
Com grande agonia.
Mortinho á fome,
Mortinho á sede,
Só me sustentava
Em canninha verde,
— « Dona por aqui?
Grande novidade...
« Vim soltar um preso
Cá n'esta cidade...
Senhor presidente,
Que dinheiro vale?
Tenho duzentos contos
Por José do Valle.
— « Dona, vá-se embora,
Qu'eu não solto, não;
Que seu filho é mau,
Tem ruim coração;
Matou muita gente
Lá n'este Sertão;
Da minha justiça não faz conta, não.
« Tenho meu laçao
De minha estimação,
P'ra seu presidente
Não tem preço, não.
Senhor presidente,
Pelo incontinente
Solte Zé do Valle,
Pelo Sacramento!
«Senhor Presidente,
Não abra a porta, não;
Se eu cahir na rua.
Faço escalação...» (1)
«Minha mãe, vá-se embora,
Deixe de cegueira,
Qu'eu hei de ser solto
No Rio de Janeiro.»
«Quem tiver seu filho

Dê-lhe ensinação,
P'ra nunca passar
Dôr de coração;
Quem tiver seu filho
Dê-lhe todo o dia,
Ao depois não passe
Dores de agonia.»
«Adeus, minha mãisinha,
Mãi do coração;
Dê lembrança á Anninha,
E a meu mano João;
Mana, vá-se embora.
Guarde o seu dinheiro,
Qu'eu vou me soltar
No Rio de Janeiro.»

(Segue-se o Bumba-meu-boi)

34.Reisado do Antonio Geraldo

Seu Antonho Gerardo (1)
 Assim mêm'é; (2)
 O seu boi morreu,
 Assim mêm'é;
 Qu'ha de se fazer?
 Assim mêm'é;
 E' tirar o couro
 Assim mêm'é;
 P'ra siá (3) Michaela,
 Assim mêm'é...
 E Brisda (4) Amarella;
 Assim mêm'é. (5)
 Vou fazer um peso
 Para amigos meus,
 Para Wenceslau
 E José Matheus.
 Osso corredor
 E' do professor;
 Saiba repartir
 Com seu promotor.
 Eu peguei nos rins,
 Me esqueci da banha!
 São p'ra Manoel Ivo
 E Chico Piranha.
 A *chan* de dentro
 E' de seu João Bento,
 A *chan* de fora
 De Domingos da Hora.
 Mocotó da mão
 E' de Manoel Bomão;
 Mocotó do pé
 E' de seu André;
 A passarinha (1)
 E' de siá Nanzinha,
 Saiba repartir
 Com tia Anna Pibinha.
 O figo (2) do Boi
 Foi p'ra sarandage, (3)
 O resto que ficou
 Foi p'ra priquitage. (4)
 Siá Nenên abra a porta
 Sentido nos pratos,
 Que a gente é muita
 P'ra comprar o facto.
 A tripa gaiteira
 E' de Maria Vieira,
 A tripa mais grossa
 De Chico da Rocha.
 O menino Esculapio

E' menino sabido;
P'ra elle e Caetano
Só ficou o ouvido. (5)
(Segue-se o Bumba-meu-boi.)

35.Versos das Tayêras

Virgem do Rosario,
Senhora do mundo,
Dá-me um coco d'agua,
Se não vou ao fundo.

«Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth...

Virgem do Rosario,
Senhora do norte,
Dá-me um coco d'agua
Se não vou ao pote.

Indêré, rê, rê, rê,
Ai Jesus de Nazareth!...

Virgem do Rosario,
Soberana Maria,
Hoje este dia
E' de nossa alegria.

Meu Sam Benedicto,
E' santo de preto;
Elle bebe garapa,
Elle ronca no peito.

Meu Sam Benedicto
Não tem mais coroa;
Tem uma toalha
Vinda do Lisbôa;

Meu Sam Benedicto,
Venho lhe pedir
Pelo amor de Deus
P'ra tocar *cucumby*. (1)

Meu Sam Benedicto,
Foi do mar que vieste;
Domingo chegaste,
Que milagre fizeste!

ROMERO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia, 1897, pp. 187-188.

Versos Gerais**36.Jurejure**

Jurejure fez seu ninho
Na fulor (1) do matapasto. (2)
Co'o bico pediu um beijo,
Co'as azinhas um abraço.

De que me serve um abraço?
Boquinha que gosto tem?
São affectos de quem ama,
Carinhos de quem quer bem.

37.A flor da murta

Eu fui a fulô da murta,
D'aquella que cao no chão;
Quanto mais carinhos faço,
Mais desenganos me dão.

De que me serve dizer,
A dôr de meu coração?
- A quem descubro este peito,
Não me dá consolo, não.

38.Sol posto

Quando rompe o claro dia,
Magino (1) na triste tarde;
Lembro (2) de quem anda ausente,
Redobra maior saudade.

Cresce o dia, o sol aponta,
Põe-se em pino e vae-se a aurora;
Eu certifico a lembrança,
Magino em quem foi-se embora.

Sol posto que vive ausente,
Amor do meu coração,
Leva-me longe da vista,
Porém do sentido (3) não.

Sol posto, que vive ausente,
Teu amor não se acabou;
Inda agora está mais firme
Do que quando começou.

Tudo quanto ó verde sécca,
Agua corrente se acaba;
Amor firme não se deixa,
Quem ama nunca se enfada.

39. Veja com quem quer ficar

N'uma arvore apanhei um verde,
No olho (1) uma folha secca;
Pelos desmanchos de amores
Não falta quem não se metta.

Arvore solemne e copuda, (2)
Amparo de um bem querer,
Procurei a tua sombra,
Não me deixes padecer.

Maço de verde e maduro,
Qu'ê verdura todo o anno,
Eu vivo n'uma esperança.
Não me dês o desengano.

Coração que a dois ama,
E que a dois quer agradar.
Não ande enganando os outros.
Veja com quem quer ficar.

40.Vae-te, carta absoluta

Vae-te, carta absoluta,
Vêr que (3) a fortuna te acode,
Vae visitar a meu bem,
Já que meu corpo não pode.

Vae-te, carta amorosa,
Aos pés d'aquelle jasmim;
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim.

Meu coração já é teu,
E o teu de quem será?
Só desejava saber
Para direito te amar.

Quando vae chegando à tarde
E meus olhos não te vê,
Só me pede o coração
Qu'eu chore até morrer.

Passando eu pelas ruas
Teu nome não posso ouvir;
Tenho ciúme das flores
Que nos teus pés vejo abrir.

Ha três dias que não como,
Ha quatro que não almoço;
Por falta de teus carinhos
Quero comer, mas não posso.

41. Meu cravo, meu diamante

Meu cravo, meu diamante.
Meu relógio, meu cordão,
Tu foste a primeira chave
Que abriu meu coração.

Alecrim verde é firmeza.
Que de meu peito nasceu;
Acharás muito quem te ame,
Mas não firme como eu.

Alecrim verde se chama
Uma esperança perdida;
Quem não logra o que deseja,
Antes morrer, não ter vida.

42.Lá no céu tem uma estrella

Lá no céu tem uma estrella
Com relógio d'ouro dentro,
Muito custa a se achar
Amor firme n'este tempo.
Quando passares por mim
Bota a vista pelo chão;
Mode (1) nós andar de amores
O mundo dizer que não.

Quando passares na rua,
Tosse e bate pelo chão.
Qu'estou lá dentro cosendo,
Não sei se passas ou não.

Quando passares por mim
Fazei o semblante triste,
Nega, feliz da minh'alma,
Nega que nunca me viste.

43.Raios do sol

Bemzinho, se ou pudesse
Fazia o dia maior;
Dava um nó na fita verde,
Prendia os raios do sol.

Prendia os raios do sol
Com uma fita encarnada;
Quem souber do meu amor
Cale-se e não diga nada.

O sol quando nasce é rei,
Ao meio dia morgado;
A' tarde é esfalecido, (1)
E á noite é sepultado.

Bemzinho, se te contara
A magua que me consomme,
Somente de maginar
Que vossê é de outro nome!...

O sol prometeu á lua
De dar-lhe um ramo de flor;
Quando o sol promete prendas,
Quanto mais quem tem amor

44.A' tarde

Se vires a tarde triste
E o ar a querer chover,
Dize que suo os meus olhos
Que choram por não te vêr.

N'aquella noite saudosa
Quando de ti me aparteï,
Cem passos não eram dados
Quando sem alma fiquei.

45.O cravo

Lágrimas são qu'eu almoço,
Janto suspiros e dôr;
A' tarde merendo ais,
De noite ausências de amor.

Cravo, eu não sei como vivo,
Como trago meu sentido;
Em maginar tua ausência
Trago o juízo perdido.

Adeus, querido das flores,
Adeus das flores querido.
Não te trato pelo nome
Para não ser conhecido.

46.A flôr de lima

A fulor da lima é branca,
E' branca e mui cheirosa;
Eu te amo por despique
P'ra matar as invejosas.

A fulor da lima exprime
Todo o affecto d'um semblante;
Quando eu a tenho entre os dedos
Julgo abraçar meu amante.

47.O cravo branco

Cravo branco, luz do dia,
Jasmim de minha alegria.
Quem me dera morar perto
Para te vêr todo o dia.

O cravo do meu craveiro
Quando me vê esmorece;
Quem de meu corpo não trata
De meu amor não carece.

Quem tem cravo na janella
E' certo que quer vender;
Quem tem seu amor defronte
A cada passo quer vêr.

Botei o cravo na telha
Para Maria cheirar;
Maria foi tão ingrata...
Deixou o cravo murchar.

Botei terra na algibeira
Para plantar cravo roxo
Para nunca me esquecer
Das feições d'este teu rosto.

O meu pé de craveiro
Bota cravos diferentes;
Não te mostro mais agrado,
Mode a lingua d'esta gente.

48.O Cravo e a Rosa

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma.
Anda o cravo era demanda,
Porque a rosa tom mais uma.

O cravo brigou co'a rosa
Debaixo de uma sacada;
O cravo sahiu ferido,
E a rosa espinicada.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva o palácio do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei!

O cravo cahiu doente,
A rosa o foi visitar;
O cravo deu um desmaio,
A rosa pôz-se a chorar.

49.A folhinha da pimenta

A folhinha da pimenta
Bole-a o sol, e bole a o vento;
Meu amor, que não vem vêr-me,
Ou não podo, ou não tem tempo.

Se elle me quizesse bem
Na raiz do coração.
Bem podia vir me ver,
Que as noites bem grandes são.

50.A arruda

A arruda como discreta
Mandou-se para o deserto;
Como ha-de me querer bem.
Se lá tom outra mais perto!

Manjerição é veneno,
Arruda contra peçonha;
O branco que beija negro
E' porco, não tem vergonha.

51.Sobrancelhas arqueadas

Sobrancelhas arqueadas,
Olhos do sol quando nasce,
Bocca pequena e bem feita,
Foi com que tu me mataste.

Sobrancelhas arqueadas,
Olhos que roubam, a vida.
Esta feição de teu rosto
Faz á minha alma perdida.

Olhos pretos matadores,
Cara cheia de alegria,
Um beijo da tua bocca
Me sustenta todo o dia.

52.A Garça

Lá vae a garça voando
Co'as pennas que Deus lhe deu,
Contando pena por pena...
Mais pena padeço eu!

Lá vae a garça voando
Lá p'ra a banda do sertão;
Leva Maria no bico,
Thereza no coração.

A garça poz o pé n'agua,
O bico para beber;
Não quero que ninguém saiba
Que meu amor é você.

Lá vae a garça voando
Co'uma corrente no pé;
Máo fim tenha todo o homem
Que não quer bem a mulher.

53.A laranja de madura...

A laranja de madura
Cahiu n'agua e foi ao fundo;
Como você quer que lhe ame,
Se você é de todo mundo?

Fui á fonte beber agua
Por baixo de uma ramada,
Fui para vêr meus amores,
Que a sede não era nada.

Fui ao matto caçar fructas,
Não achei senão cajá;
Foi p'ra tirar o fastio
De minha amante yayá.

Menina, quando te vejo,
Por detraz d'estas cadeiras,
Desejo plantar mandiocas
E assentar bolandeiras.

54.Eu vos mando um coração

Eu vos mando um coração
Partido em quatro pedaços,
Meio vivo, meio morto,
Para acabar nos teus braços.

Dos teus braços para dentro
Não admitto a ninguém;
Espera, tem paciência,
Qu'eu mesmo serei teu bem.

Não me deito no teu collo,
Porque outro se deitou;
Se me fazes por acinte,
Meu coração te deixou.

Eu pizei na cana verde.
Cana verde me ringiu; (1)
Quando eu quiz tomar amores
Todo o mundo presentiu.

Eu pisei na cana verde,
Meu amor na lealdade,
Não posso mostrar firmezas
Onde ha pouca vontade...

Dentro do meu peito tem
Dous engenhos de marfim;
Quando um anda, outro desanda:
Quem quer bem não faz assim.

Dentro de meu peito tem
Duas tesouras sem eixo;
Inda me vendo em desprezo,
Meu amor, eu não te deixo.

Dentro de meu peito tem
Duas pombinhas encanando,(1)
Uma voou, foi- se embora,
A outra ficou penando.

Dentro de meu peito tem
Um cravo sobredourado,
Coberto de agua fria
Qu'eu por ti tenho chorado.

Dentro de meu peito tem
Uma chave de marfim;

Dentro d'elle has de achar
Um amor que não tem fim.

Dentro de meu peito tem
Uma fita com três laços;
Aceite lembranças minhas,
Um suspiro e dous abraços.

Um suspiro e dous abraços,
Pois quem lhe manda sou eu;
Também mando perguntar
Se de mim já se esqueceu.

Se de mim já se esqueceu,
Pena tenho de sentir;
Porque por lá deve achar
Amor com que divertir.

55.Tenho cinco chapéus finos

Tenho cinco chapéus finos,
Todos cinco agaloados;
Tenho cinco amores novos.
Um firme e quatro enganados.

No tempo em que eu te amei
Não amei a mais ninguém;
Amei a sete e a oito,
Nove contigo, meu bem.

Bemzinho, viva aciente,
Descance seu coração.
D'eu ter amores na vida
A você e a outros mais não.

56. Você diz que amor não doe?

Você diz que amor não doe?
Doe dentro do coração;
Queira bem e viva ausente,
Veja lá se doe, ou não.

Quando eu de ti me apartei,
Disfarcei o que podia
P'ra não dar a conhecer
As penas que padecia.

Quando eu de ti me apartei,
Logo no primeiro dia
Meu peito cobri de luto,
Não tive mais alegria.

Botei o preto por luto,
O branco por bizarria,
O verde por esperança
De te lograr algum dia.

Querer bem não é bom, não,
Porque faz enlouquecer;
Por dentro gera feridas,
Por fóra meu bem não vê.

57. Quero bem, porém não digo

Quero bem, porém não digo,
Trago o amor dividido;
Eu ando por toda a parte,
Só em ti trago o sentido.

Vae-se a tarde, vem o dia,
Eu só de ti me lembrando...
Faço a cama em suspiros,
Quando me deito é chorando.

Quando chega a triste noite
Qu'eu não vejo o meu bemzinho,
Vou-me deitar soluçando.
Ausente do seu carinho.

Suspiros que vão e voltam,
Dae-me novas do meu bem,
Se elle é vivo, ou se é morto,
Ou anda era braços de alguém

58.Fui soldado, assentei praça

Fui soldado, assentei praça
No regimento do amor;
Como assentei por meu gosto,
Nunca serei desertor.

Fui soldado, venci guerras.
Fiquei livro da batalha
Para bojo vir vencer
A princeza Dona Eulália.

Eu já fui e já cheguei
Já hoje estou em palácio;
A sentença que eu achei,
Foi de morrer em teus braços.

59.Duas penas

Fui moço, hoje estou velho,
Morro quando Deus quizer;
Duas penas me acompanham
Cavallo bom e mulher.
Fui rico, hoje estou pobre.

Diga o mundo o que disser;
Duas penas me acompanham;
Cavallo bom e mulher.

60.Lá vem a lua sahindo

Lá vem a luma (1) sahindo
Redonda como um botão:
Quem tem seu amor defronte,
Tem grande consolação.

Pomba avoôu, meu camarada;
Avoôu... que hei-de fazer?
Quem de dia leva á bôcca.
De noite o que ha-de comer?

61.Cajueiro pequenino

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor;
Eu também sou pequenino
Carregadinho de amor. (1)

62.A Polka

Quem quizer que danse a porca (2)
Com seus quartos arrufados;
Os amantes gostam d'isto,
Ficam todos derrotados.

A saudade do toucinho
Fez matar a minha porca;
Choram, choram bacorinhos,
Que a sua mãe já está morta.

63. Você me fez esperar

Você me fez esperar
Lá no tope da ladeira;
Esperei, você não veio,
Metti os pés na carreira.

Você me fez esperar
Lá no pé da jurubeba;
Esperei, você não veio,
Quasi que a onça me pega.

64. Tenho meu caju maduro

Tenho meu cajú maduro
Roido dos passarinhos;
Quem é dono dos affectos,
Também seja dos carinhos.

Por ser pequenino,
Tenho muita pena
De ter os pés chatos,
Cabeça pequena.

65. A Pulga

Vivo incommodado
Sem poder dormir,
A pegar a pulga,
E a pulga a fugir!...
E a pulga miudinha
Dos dentes de marfim
Na cintura da moça!
Quem me dera ser assim!
Pulga, eu te juro,
Te dou testemunha.
Te boto no fogo,
Menos com a unha.
Pulga, eu te juro,
Protesto vingar-me,
Que tu no meu corpo
Não has de inflammar-me.
Pulga, eu te juro,
Te lançar na mão,
Antes que tu pules
Da cama no chão.
Quatro, cinco noites
Accendo o lampeão
P'ra matar a pulga
Dentro do salão.

66. Cupido

Cupido, rei dos amantes,
Só Cupido soube amar;
Ainda depois de morto
Do amor se quiz lembrar.
Topei Cupido chorando,
Perguntei se era de dôr;
Cupido me respondeu
Que era paixão do amor.
Topei Cupido em desprezo,
Cousa que nunca pensei!
Deitadinho pelo chão....
Até com os pés lhe pizei!
Cupido subiu ao monte
Fazendo grilhões de prata,
Para prender todo aquelle
Que tem paixão por mulata.
Aquieta, Cupido, aquieta,
Não esperdices tua prata,
Qu'ê de bem que não se prenda
Quem tem paixão por mulata.
Na escola de Cupido
Eu fui o decurião;
Aprendi mais que Cupido,
Vejam lá se sei ou não.

67. Prima Pulga

Prima Pulga está doente,
Muquirana está parida,
Meu compadre percevejo
'Stá de espinhela (1) cahida.

Batata não tem caroço,
Bananeira não tem nó;
Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor.

68.A Barata

Nada ha no paraíso
Que me faça eu fallar;
Não ha sapo nem barata
Que me possa incommodar.
Eu vi uma barata
No capote de vovô;
Quando ella me avistou
Bateu azas e voou.
Eu vi uma barata
Com a tesoura na mão,
Cortando calças, camisas,
Vestidos de babadão.
Eu vi uma barata
Sentada fazendo renda,
E também eu vi um rato
Ser caixeiro de uma venda.
Eu vi uma barata
Sentada n'uma costura.
E também eu vi um rato
De pistola na cintura.
Eu vi uma barata
Na janella namorando,
Vi um sapo de luneta
Pela rua passeando.
Eu vi uma barata
Na ladeira da preguiça,
E também vi um cachorro
Amarrado com linguiça. (1)

69. Paixão de amor, já te tive

Paixão de amor, já te tive,
Já fiz o que hoje não faço;
Já por ti eu dei a vida,
E hoje não dou um passo.

Hoje não dou mais um passo.
Causado por teu respeito;
Porque tu me desprezaste
Por aquelle certo sujeito.

Aquele certo sujeito
Bem pôde se regalar,
Que eu também por cá já achei
Quem muito me sabe amar.

Quem muito me sabe amar
Amo muito satisfeito,
Pois o trago collocado
Cá por dentro do meu peito»

Cá por dentro do meu peito
Tu não achas mais entrada;
Procura a quem te assista,
Qu'eu de ti não quero nada.

70. Meu coração sabe tudo

Meu coração sabe tudo
E guarda comsigo dentro,
Dissimula em quanto pôde,
Fallará quando fôr tempo.

Meu coração está trancado
Com chave de paciência;
Meu coração não se abre
Sinão na tua presença.

Quem de meu peito sahiu,
Sahiu para divertir;
Como não foi aggravado,
Quando quizer torna a vir.

Quem de meu peito sahiu,
Meu coração se fechou;
Não venha com piedade,
Que quem sahiu não entrou.

71.No correr perdi meu lenço

No correr perdi meu lenço,
No matto rompi o vestido;
Grandes tormentos padece
Quem tem amor escondido.

Quem tem amor escondido
Tem animo, tem coração;
'Sta vendo o instante que dizem
« Prenda e mate este ladrão. »

Quem quer bem rompe paredes.
Salta muros ladrilhados.
Quebra janellas de vidro
Trancadas de cadeados.

Quebrem-se as grades de forro,
Appareça o carcereiro,
Saia, meu bem, para fora,
Não padeça por dinheiro.

72. As arvores por serem arvores

As arvores, por serem arvores,
Sentem golpes que lhes dão;
Como não queres qu'eu sinta
Esta tua ingratidão?

Desprezos, ingratidões
São mimos qu'eu tenho tido;
Por ter um bom coração,
Soffro o que tenho soffrido.

Mas, nem que andes no mundo
Com a luz alumando,
Não hasde achar outro amor
Como o que tu vaes deixando.

Hasde achar quem te engane,
Quem diga que te quer bem;
Mas pr'a te fazer carinhos
Como eu não ha ninguém.

73. Saudades que de ti tenho

Saudades que de ti tenho,
A ti mesmo heide contar
Quando contigo me vir,
Se a morto não nos matar.

Se as saudades me apertarem
Eu bem sei que heide fazer:
Metter o pé no caminho,
Succeda o que succeder. .

Quando eu pensei que te tinha
Para o meu divertimento,
Achei-te tão demudado,
Fora do meu pensamento.

Já fui amada e querida,
Prenda de teu coração;
Já hoje sou vassourinha (1)
Com que tu varres o chão.

Eu já fui da tua mesa
O melhor prato de sopa;
Já hoje sou rosalgar, (2)
Veneno p'r'a tua bocca.

Eu, para ver se morria,
Bebi veneno em porção;
Veneno a mim não me mata,
Quem me mata é a ingratidão.

Máo fim tenha, máo fim leve
Quem meu amor me tomou.
Que até na hora da morte
Lhe falte Nosso Senhor.

Triste viva, triste ande
Quem triste me faz andar
Que tenha tanto socego
Como as ondas têm no mar.

74. Meu bemzinho, lá vos mando

Meu bemzinho, lá vos mando
Meu cabelo feito prenda;
Tenho na minha certeza
Você de mim não se lembra.

Você de mim não se lembra,
Também não posso sentir;
Foi porque você já achou
Lá com quem se divertir.

Dos cachos dos teus cabelos
Fiz anel para meu dedo;
P'ra te deixar tenho pena,
P'ra te levar tenho medo.

Nos cachos dos teus cabelos
Deitei-me para dormir;
Deitei me no mez de março,
Acordei no mez de abril.

75. Quando n'esta casa entrei

Quando eu n'esta casa entrei
Logo por ti perguntei;
Não me deram novas tuas,
Com vergonha não chorei.

Cadê a luz do meus olhos?
Cadê esta casa cheia, (1)
Qu'inda hoje não o vi
Nem na janta, (2) nem na ceia?

Cada vez que considero,
Chego na janella e digo:
Alto céu, bonita luz,
Quem me dera estar contigo

76. Plantei manjerição na baixa

Plantei manjerição na baixa,
Alecrim pelos outeiros;
Juntou-se cheiro com cheiro...
Boa vida é dos solteiros.

Alecrim verde é cheiroso,
O sêcco inda cheira mais;
Mulher que se fia em homens
Toda fica dando ais,

O amor da mulher solteira
E' como o vento da tarde;
Deu o vento na roseira,
Acabou-se a lealdade.

O amor de dois solteiros
E' como a flor do feijão;
Quando olham um p'ra outro
Logo mudam do feijão.

O amor quando se encontra
Causa susto e mette gosto;
Sobresalta um coração,
Muda o semblante do rosto.

77. Ha dias que não te vejo

Ha dias que não te vejo,
Nem de ti tenho recado,
Emprego da minha vida,
Disvelo do meu cuidado.

Não vim hontem, nem ant'hontem,
Bemzinho, porque não pude,
Vim hoje, porque podia,
Saber de sua saúde.

Onde vae, alecrim do reino,
Meu lirio, minha açucena,
Emprego da minha vida,
Allivio da minha pena?

78.Soube que tinha chegado

Soube que tinhas chegado.
Minha flor de laranjeira.
Deus te queira visitar,
Qu'eu não posso, inda que queira.

Oh minha palhinha d'alho,
Sentemos e conversemos;
Se o mundo fallar de nós
Somos solteiros, casemos.

79.Cravo roxo desiderio

Cravo roxo desiderio,
Pintadinho de amarello,
Abre a fulor de meu peito,
Vigia o bem qu'eu te quero

Cravo roxo desiderio,
Encostado á penitencia.
Sou amada e sou querida
Em quanto estou na presenca.

Vaete, carta, visitar
Aos pés d'aquelle jardim;
Ajoelha, pede licença,
Dá-lhe um abraço por mim.

A carta pede licença,
A letra pede perdão,
Acceite, meu bem, acceite
Lembranças do coração.

Estes botões, que ahi vão,
Todos dois vão por abrir.
Um vai cheio de saudades.
Outro para divertir.

80. Cravo branco é procurado

Cravo branco é procurado
Pelo cheiro que elle tem;
Quem tem amor tem ciúmes,
Quem tem ciúmes quer bem.

Toma esta chave verde,
E tranque nossa esperança,
E retranque bem fechado
Nosso amor com segurança.

Laranjeira é pão de chôro,
Eu também quero chorar;
Pois já é chegado o tempo
De nosso amor se acabar.

Alta noite, meia noite
Vi cantar e vi chorar;
Eram dois amantes firmes
Que queriam se apartar.

Fui me despedir chorando
No riacho d'alegria;
Tanto choravam meus olhos
Como o riacho corria.

Estrellinhas miudinhas,
Escadinhas de Cupido,
Ou matai-me aquelle ingrato,
Ou tirai-m'o do sentido.

Chuva, se não quer chover.
Deixe de estar peneirando:
Ou me amas com firmeza.
Ou me vai logo deixando.

Fui na fonte das pedrinhas.
Fui formar a minha queixa;
As pedras me responderam:
Amor firme não se deixa.

81.A lua de caminhar

A lua de caminhar
Já fez caminho seguido;
Achei amor do meu gosto.
Me peza ser impedido.

Oh lua que alumiaes
O céu de tanta clareza!
Oh terra que desterraste
Amor de tanta firmeza!

As estrelas do céu correm,
Eu também quero correr;
Por arenga e mexericos
Se aparta um bem querer...

As estrelas esclarecem,
A lua cobre com o véo;
Quem ama a moço solteiro
Vai direitinho p'ra o céu.

82. Eu não quero mais amar

Eu não quero mais amar
Nem achando quem me queira;
O primeiro amor qu'eu tive
Botou-me sal na moleira.

Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro;
Tomara achar quem me diga
Qual é o amor verdadeiro?

Quem meu amor me tomou
A mim livrou do perigo,
Levou connigo trabalhos,
Passa de ser meu amigo.

Meu Deus, quem me dá notícias
D'um amor que foi meu bem?
Como elle me foi falso,
Eu vendo por um vintém.

Quem por aqui me dá novas
D'um amor que já foi meu,
Qu'eu já tinha por perdido
E agora me appareceu?

83. Abalei o pé da roseira

Abalei o pé da roseira,
Mas não o pude arrancar;
Quem não tem bens da fortuna
Glorias não pôde alcançar.

Só a ti posso afirmar
Que outro amor não heide ter,
Se acaso eu não morrer,
Se a fortuna me ajudar.

Fui á fonte beber agua,
Tive medo de um sardão; (1)
Bebi agua de teu rosto,
Sangue de meu coração.

Fui ao pote beber agua,
Topei agua de sobejo;
Só cuido que estou com vida,
Bemzinho, quando te vejo.

Eu te amo, minha beleza.
No que posso obedecer;
Se não for feliz contigo,
Vida mais não quero ter.

O campo verde se alegra
Quando vê o sol nascer;
Também se alegram meus olhos
Quando chegam a te ver.

Se eu subera que tu vinhas,
Que alegrias não teria!
Mandava barrer a estrada
Com rosas de Alexandria.

Jura o sol e jura a lua,
Juram estrellas também,
Juram mais três testemunhas
Como eu te quero bem.

84.Gemo, suspiro e dou ais

Gemo, suspiro e dou ais,
Banzo, cuido e entristeço;
Soffro, gemo, mas não posso
Dar allivio ao que padeço.

Me assentei na pedra verde,
Fui formar a minha queixa;
De que servem seus carinhos
Se você sempre me deixa?

85.Você diz que eu sou sua

Você diz que eu sou sua,
Você sabe e eu não sei;
O mundo dá muitas voltas,
Eu não sei de quem serei!

Quem me vir estar chorando
Não se ria, tenha dó;
Que os trabalhos d'este mundo
Se fizeram p'ra mim só.

86.A moqueca

A moqueca p'ra ser boa
Ha-de ser de camarão;
Os temperos que ella leva
São pimenta com limão.

A moqueca p'ra ser boa
Ha-de levar bem dendê;
Nos beicinhos de yayá
Ha-de queimar e doê. (l)

87.Se fores pra certa terra

Se fores p'ra certa terra
E topares certa gente,
Se por mim te perguntar,
Dize-lhe que estou doente;
Se tornar a perguntar
Qual a minha enfermidade,
Dize-lhe que mal de amores
Augmentado de saudades.
Do céu manda-me um barbeiro
Com passada diligente,
Com a lanceta na mão,
Sangrar-me que estou doente.
Barbeiro, tem compaixão
D'este pezinho de neve,
Faz a cisura pequena.
Põe a lanceta de leve.
Se a lanceta for de ouro
E as fitas de mil côr,
Fique certo, meu bemzinho,
Que o meu mal é do amor.

88. Lá em riba d'estes ares

Lá em riba d'estes ares
Ronca corisco e trovão,
Para cair em quem paga
Finezas com ingratidão.
De cobra seja mordido,
Que lhe vare o coração,
Quem costuma a pagar
Finezas com ingratidão.

89.La vos mando um cravo branco

Lá vos mando um cravo branco
N'um bago de jaca dura;
Lá vos mando perguntar
Se vosso amor inda dura.

Lá vos mando um cravo branco
Dentro de um gomo de cana;
Se tu cuidas qu'eu te amo
O coração bem te engana.

90.A cachaça

Aguardente é como a morte,
Não respeita qualidade,
Não conhece velho ou moço,
Nem homem de auctoridade.
Doutores, frades e padres,
Que bebem aguardente forte,
Abasta (1) beber dois gorpas (2)
Mudam a vista de repente:
Podem todos ficar scientes
Que aguardente é como a morte.

91. Estrellas do céu brilhante

Estrellas do céu brilhante,
Por ellas peço a meus Deus,
Que me tire do sentido
Amor que nunca foi meu.

Oh que coqueiros tão altos
Com três coquinhos de prata!
Tomar amor não é nada,
O apartamento é que mata.

Oh que coqueiros tão altos
Tão custosos de subir!
Bemzinho, dê cá seus braços
Qu'eu me quero despedir.

Vamos dar a despedida
Como deu a beija-flor, (1)
Que se despediu chorando
Dos braços de seu amor.

Vamos dar a despedida
Como deu a saracura;
Bateu azas, foi-.se embora;
Cousa boa não atura. (2)

92.A coruja

A coruja é pássaro triste
Que no cantar se demora;
Quem não tem amor aqui
Que faz que não vai-so embora?
Quem me dera ser coruja
Para de noite velar,
Já que de dia não posso
Os teus carinhos gozar.

Se eu pensar de morrer
Sem teus carinhos gozar,
Heide vir do outro mundo
Na tua porta penar.

93. Não há papel n'esta villa

Não ha papel n'esta villa,
Nem tinta neste convento;
Não ha este pássaro de penna
Que escreva tal sentimento.

Sentimentos tenho tido;
De um amor que anda tão longe;
P'ra não dar ouvido ao mundo,
Fiz o coração de bronze.

Você se vai e me deixa
N'esta solidão tão triste,
Pouco tem de amante firme
Quem se vai e não me assiste.

Se eu me vou e não lhe assisto
E' por remédio não ter;
Não soffra sou coração,
Deixe o meu só padecer.

O papel que escrevi
Tirei das palmas da mão;
A tinta tirei dos olhos,
A penna do coração.

94. Quem me vê estar cantando

Quem me vê estar cantando
Cuidará que estou alegre...
Meu coração 'stá tão negro
Como tinta que se escreve.

Quem me vê estar cantando
Pensará com bem razão
Qu'eu ando alegre da vida,
Sabe Deus meu coração.

95.Menina, você não sabe

Menina, você não sabe
De um amor quo tenho agora?
Qu'eu havera de comprar
Para ser sua senhora?

Para ser minha senhora
No mundo não vejo quem;
O Deus que formou a ella
Me formou a mim também.

Individuo (1), tu cuidavas
Qu'havéras ser meu amor?
Achei um outro tão bello,
Capaz de ser teu senhor.

96.O passarinho

Menina, seu passarinho
Toda a noite eu vi piar;
Eu, como compadecido,
Tive dó do seu penar.

Menina, seu passarinho
Toda a noite me attentou; (2)
Quando foi de madrugada
Foi-se embora e me deixou.

Os passarinhos que cantam
De madrugada com frio,
Uns cantam de papo cheio,
Outros de papo vazio.

Passarinho, que cantaes
No olho do dicury,
Quem por mim perdeu seu gomno.
Já hoje pode dormir.

Passarinho, que cantaes
No olho do manjerição;
Não estou prompta, meu bemzinho,
P'ra soffrer ingratidão.

Passarinho, que cantaes
Alegre aos pés de quem chora,
Se esse canto da-me allivio,
Não canteis mais, ide embora.

Eu comparo o meu viver
Com o viver dos passarinhos,
Presos nas suas gaiolas,
Assim mesmo alegresinhos.

Passarinho, que cantaes.
Com esse canto sonoro;
Uns cantam de papo cheio,
Outros cantam quando eu choro.

Passarinho preso canta
E preso deve cantar;
Como foi preso sem culpa
Canta para alliviar.

Quem se foi para tão longe
E deixou seu passarinho.
Quando vier não se anoje.

Se achar outro no ninho.

Se achar outro no ninho.
Hei de fazel-o voar;
Q'eu não fui fazer meu ninho
Para outro se deitar.

Passarinho do capim,
Beija-fulor da limeira,
Não ha dinheiro quo pague
Beijo de moça solteira

97. Quem quer bem dorme na rua

Quem quer bem dorme na rua,
Na porta do seu amor;
Do sereno faz a cama,
Das estrellrs cobertor.

Quem quer bom não tem socego,
Vai ao quintal, vai á rua;
Quer bem ás noites escuras,
Grandes queixas tem da lua.

Perguntei á noite escura
Se o verde era leal;
Noite escura respondeu:
Quem quiz bem nunca quiz mal,

Inda que o fogo se apague
No logar fica o calor:
Ainda que o amor se acabe
No coração fica a dôr.

Tudo no mundo se acaba,
Nada tem a duração,
E quando o amor se ausenta,
Também se ausenta a paixão.

98.Menina, quando te fôres

Menina, quando te fores,
Escreve-me do caminho;
Se não tiveres papel
Nas azas do um passarinho.

Do bico faze tinteiro,
Da língua penna aparada,
Dos dentes letras miúdas,
Dos olhos carta fechada.

99. Esta noite eu dei um ai

Esta noite eu dei um ai
Que rompeu a terra dura;
As estrelas responderam:
Grande ai da creatura.

Lá vem a lua sahindo,
De verde não apparece;
Acho ser mal empregado
Amar a quem não merece.

Lá vem a lua sahindo
Com três palmos de altura;
Hão posso negar o bem
Que quero a tal creatura.

As estrelas do céu correm,
Eu também quero correr;
Elias corre atraz da lua,
Eu atraz do bem querer.

100.Despedida

Vêr um laço desatar,
Vêr uma não despedir,
Vêr dous amante chorarem,
Um ficar o outro partir...

Vêr os olhos a chorar
Os corações se abraçando
Dous amantes se separam,
Mas sempre ficam se amando.

101. Não se encoste no craveiro

Não se encoste no craveiro
Que tem cravos para abrir;
Se encoste n'estes meus braços,
Que tem somno p'ra dormir.

O cravo cahiu da torre,
Nos ares se desfolhou,
Tenha santa paciência
Quem do mim não se logrou.

Quem de mim não se logrou
De si deve se queixar,
Que já estive nos seus braços
Não soube me aproveitar.

Nos cachos do seu cabelo
Hei-de pôr a mão por pique;
Santinho, sou toda sua,
Quando quizer me penique.

102. Atirei um limão verde

Atirei um limão verde
Lá na torre de Belém;
Deu no ouro, deu na prata,
Deu no peito de meu bom.

Atirei um limão verde
Na mocinha da janella;
Ella me chamou doidinho,
Doidinho ando eu por ella.

103.Com pena peguei na penna

Com pena peguei na penna,
Com pena p'ra te escrever;
A penna cahiu da mão
Com pena de não te vêr.

O meu vestido é de penna,
Quem o fez foi o alfaiate;
Eu mesma cortei, mesma fiz,
E' bom que pena me mate.

Meu bemzinho de tão longe
Que vieste cá buscar?
Vieste me encher de pena,
Acabar de me matar.

104. Quem vai e não se despede

Quem vai e não se despede
E' porque não quer visita,
Que a obrigação de quem parte
E' dar adeus a quem fica.

Adeus, joazeiro verde.
Nascido em baixa vertente;
Adeus, boquinha do cravo,
Adeus, coração da gente.

Viva o cravo, viva a rosa,
Viva a coroa do rei;
Viva o primeiro amor
Que n'esta terra tomei.

105.Adeus à pastora

Vai-te, amada pastora,
Que as costas já vou virando,
Vai seguir o teu destino...
Adeus ! não sei até quando.

Adeus! te digo de perto,
Adeus ! te digo chorando;
Adeus ! te digo de longe;
Adeus ! não sei até quando!

106.Não tenho inveja de nada

Não tenho inveja de nada,
Nem dos braços da rainha,
Só por ter a gravidade
De me chamar mulatinha.

A côr branca é muito fina;
A parda é mais excelente;
A maior parte da gente
A' côr morena se inclina...

Para ser bonita e bella.
Não preciso andar ornada;
Basta-me a côr de canela;
Não tenho inveja do nada. (l)

107.Dei um nó na fita verde

Dei um nó na fita verde,
Sacudi-te pela ponta;
Saiba Deus e todo o mundo
Qu'eu de ti não faço conta.

Tu pensas qu'eu por ti morro,
Nem por ti ando morrendo;
Tudo isto é pouca conta
Qu'eu de ti ando fazendo.

Tomara já te ver morto,
Os uribús (2) te comendo,
Os ossos no taboleiro
Pela rua se vendendo.

No tempo que eu te amava,
Rompia maltas de espinho;
Já hoje pago a dinheiro
P'ra não te ver o fucinho.

108.A lagoa já seccou

A lagoa já seccou
Onde os pombos vão beber;
Triste coisa é querer bem
A quem não sabe agradecer.

Se eu pensara quem tu eras,
Quem tu havias do ser,
Não dava meu coração
A quem não sabe agradecer.

Coração que a dois ama,
Eu nelle não tenho fé;
Eu não quero amor partido,
Pois o meu inteiro é.

109. Quem quer bem não tem vergonha

Quem quer bem não tem vergonha,
Não se lhe dá da má fama;
Quem tem juízo bem pôde
Dispensar a quem bem ama.

Quem parte, parte chorando.
Quem fica vida não tem;
Parte a alma, parte a vida
Quem chegou a querer bem.

110. Bonina sobre-dourada

Bonina sobre-dourada,
Rosa branca do verão;
Choro quando não te vejo,
Prenda do meu coração.

Ha dias que ando pensando
N'um adeus que eu hei-de dár,
Foge-me o sangue das veias,
O coração do lugar.

Bemzinho, quando te fôres,
Autes de ir, tira-me a vida,
Já que não tenho valor
De ver a tua partida.

111.Rosa parda lisonjeira

Rola parda lisongeira
Corre a vista pelo chão,
E' de estar querendo bem,
Sempre dizendo que não.

Rola parda lisonjeira,
Pescoço de vai e vem;
Quem não póde com os trabalhos
Não se metta a querer bem.

Rola parda lisonjeira,
Pescoço de imperador,
Dá-me consolo a meus males,
Já que foste o causador.

Rola parda, penna loura.
Ave que Deus escolheu,
Se seu amor fora firme,
Não se apartava do meu.

112.Mulher, cabeça de vento

Mulher, cabeça de vento,
Juízo mal governado,
Dizei-me o que significa
Amor de homem casado?

Quem ama a homem casado
Tem paciência de Job;
Faz cama, desmancha cama,
Sempre vem a dormir só.

113.Embarquei na Inglaterra

Embarquei na Inglaterra (1)
Avistei Cupido em França,
Disputando entre doutores :
— Quem quer bem nunca descança,
Cupido como lá estava
E que lá me viu chegar,
Um minuto suspirou...
Perguntei-lhe com vagança
Qual era a sua lembrança?
Cupido me respondeu:
— Quem quer bem nunca descança. (2)

114.Passeia, meu bem, passeia

Passeia, meu bem, passeia
Por paragens que eu te veja,
Inda que a bocca não falle,
Meu coração te festeja.

Se esta rua fora minha
Mandaria ladrilhar,
Quer de prata, quer de ouro.
Para meu bem passear.
Mandei fazer um barquinho
De pausinhos de alecrim
Para embarcar meu bemzinho
Da horta para o jardim.

115.Meu anel de pedras finas

Meu anel de pedras finas
Ninguém o tem como eu,
Para amar a quem me ama,
Desprezar a quem m'o deu.

Teu anel de pedras finas
Meu dinheiro me custou;
De boquinhos o abraços
Teu corpinho me pagou.

116.Eu plantei cana de sóca

Eu plantei canna de soca
Por ser a de lavrador,
Nunca vi fonte sem limo,
Nem donzella sem amor.

Pegai n'estes vossos olhos,
Botai-os n'um poço fundo,
Que olhos que vêm e não logram
Para que vivem no mundo?

Os peitinhos de meu bem
Não selavam com sabão.
Mas é com agua de cheiro
Agua de meu coração.

117.O moleque do surrão

Iderê, buruzuntão,
Olha o moleque do surrão;
Ideré, buruzuntão,
Certamente vem o cão; (1)
Iderê, buruzuntão,
Moricoca com quiabos;
Iderê buruzuntão,
Lagartixa com feijão;
Iderê, buruzuntão,
Certamente vem o cão!

Orações e parlendas

118.Jogo do tantanguê e do pintainho

Tantanguê
Sae-te d'aqui,
Vae-te esconder.
Pintainho,
Sola, mingola,
Manda o rei
Que tire fora.

119.Jogos dos dedos

Dedo miudinho,
Seu visinho,
Maior de todos,
Fura bôlos,
Cata piolhos.
Este diz que está com fome.
Este diz que não tem o quê;
Este diz vai furtar;
Este diz que não vá lá,
Este diz que Deus dará.

120.Jogo de Varisto

— Gente! cadê Varisto ?
« Foi p'ra roça.
— Gente, fazer na roça?
« Plantar mandioca.
— Gente, p'ra que mandioca?
« P'ra farinha.
— Gente, p'ra que farinha?
« P'ra dinheiro.
— Gente, p'ra que dinheiro?
« P'ra feitiço.
— Gente, no mundo ha d'isto.

121.Outra

Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo;
Gallo Monteiro
Pisou na areia;
A areia é tina
Que dá no sino;
O sino é d'ouro
Que dá no bezouro;
O bezouro é de prata
Que dá na mata;
A mata é valente,
Que dá no tenente;
O tenente é mofino,
Que dá no menino;
Menino é valente
Que dá em toda gente.

122.O Tango-lo-mango

Eram nove irmaus n'uma casa,
Uma foi fazer biscoito;
Deu o tango-lomango n'ella,
Não ficaram senão oito.

Destas oito, meu bem, que ficaram
Uma foi amollar canivete;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão sete.

Destas sete, meu bem, que ficaram
Uma foi fallar francez;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão seis.

Destas seis, meu bem, que ficaram
Uma foi pellar um pinto;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão cinco.

Destas cinco, meu bem, que ficaram
Uma foi para o theatro;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão quatro.

Destas quatro, meu bem, que ficaram
Uma casou c'um portuguez;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão tres.

Destas três, meu bem, que ficaram
Uma foi passear nas ruas;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficaram senão duas.

Destas duas, meu bem, que ficaram
Uma não fez cousa alguma;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Não ficou senão uma.

Essa uma, meu bem, que ficou
Metteu-se a comer feijão;
Deu o tango-lo-mango n'ella,
Acabou -se a geração.

ROMERO, Sylvio. **Cantos populares do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica de Alves & Cia, 1897, pp. 365-366.